



**Regulação emocional e metas de socialização de crianças ribeirinhas de 3 a 5 anos:
percepção paterna e materna**

Suellen de Oliveira Barbosa

Belém - Pará
2026

**Regulação emocional e metas de socialização de crianças ribeirinhas de 3 a 5 anos:
percepção paterna e materna**

Suellen de Oliveira Barbosa

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestra.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Júlia Scarano de Mendonça

Belém – Pará
2026

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

UFPA/Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento/Biblioteca

- B238r Barbosa, Suellen de Oliveira, 1997-
Regulação emocional e metas de socialização de crianças
ribeirinhas de 3 a 5 anos: percepção paterna e materna / Suellen de
Oliveira Barbosa. — 2026.
124 p. il.: color

Orientadora: Júlia Scarano de Mendonça

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Núcleo
de Teoria e Pesquisa do Comportamento, Programa de Pós-
Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Belém, 2026.

1. Análise do comportamento. 2. Ecoetologia. 3. Regulação
emocional. 4. Metas de socialização. 5. Populações ribeirinhas
(Amazônia). I. Título.

CDD - 23. ed. 150.77

Catalogação na fonte: Maria Célia Santana da Silva – CRB2/750

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

Suellen de Oliveira Barbosa, Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Belém-PA, Brasil.

Contato: Suellen de Oliveira Barbosa

Mail: suellenoliveira993@gmail.com

Defesa de Mestrado

“Regulação Emocional e Metas de Socialização de Crianças Ribeirinhas de 3 a 5 Anos: percepção paterna e materna.”

Aluna: Suellen de Oliveira Barbosa. Data da Defesa: 27 de fevereiro de 2026. Resultado: Aprovada.

Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 **JULIA SCARANO DE MENDONCA**
Data: 09/03/2026 16:17:43-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª Drª Júlia Scarano de Mendonça (orientadora – UFPA).

Documento assinado digitalmente
 **LILIA IEDA CHAVES CAVALCANTE**
Data: 02/03/2026 14:17:03-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª Drª Lília Iêda Chaves Cavalcante (membro 1 – UFPA).

Documento assinado digitalmente
 **TANIA KIEHL LUCCI**
Data: 02/03/2026 13:59:07-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª Drª Tânia Kiehl Lucci (membro 2 – USP).

Termo de Autorização e Declaração de Distribuição não exclusiva para Publicação Digital no Repositório Institucional da UFPA

IDENTIFICAÇÃO DO AUTOR E DA OBRA

Autor*: Suellen de Oliveira Barbosa

Vínculo com a UFPA: () Servidor; (X) Discente Unidade: Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento

Sub Unidade: Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento

Tipo do documento: () Tese; (X) Dissertação; () Livro; () Capítulo de Livro; () Artigo de Periódico; (

) Trabalho de Evento; () Outro. Especifique: _____

Título do Trabalho: Regulação emocional e metas de socialização de crianças ribeirinhas de 3 a 5 anos: percepção paterna e materna

Data da Defesa: 27/02/2026 Área do Conhecimento: Ecoetologia

Agência de Fomento: CAPES

*Para cada autor, uma autorização preenchida e assinada.

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO EXCLUSIVA

O referido autor:

- Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.
- Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à Universidade Federal do Pará os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros, está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal do Pará, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação, autorizo a UFPA a disponibilizar de acordo com a licença pública *Creative Commons* Licença 3.0 *Unported*, e de acordo com a Lei nº 9610/98, o texto integral da obra citada, conforme permissões abaixo por mim assinaladas, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a partir desta data.

Permitir o uso comercial da obra?

() Sim

(X) Não

Permitir modificações em sua obra?

() Sim, contanto que compartilhem pela mesma licença

(X) Não

O documento está sujeito ao registro de patente?

() Sim

(X) Não

A obra continua protegida conforme a Lei Direito Autoral.

Belém (PA), 27 / 02 / 2026

Documento assinado digitalmente

gov.br

SUELLEN DE OLIVEIRA BARBOSA

Data: 12/05/2026 11:46:56-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos do Autor

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço à CAPES e ao CNPq, pelo apoio financeiro e estrutural fundamental. A bolsa de mestrado e o financiamento do projeto garantiram as condições necessárias para que essa pesquisa se tornasse realidade.

À Universidade Federal do Pará (UFPA) e ao Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento (PPGTPC), por fornecer a infraestrutura e o ambiente acadêmico de excelência que possibilitaram a minha formação.

Aos professores e integrantes do Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento Humano (LED), que de forma direta ou indireta, contribuíram com o conhecimento e a experiência necessários para a elaboração desse trabalho. Aos colegas do Projeto Igarapé, agradeço o apoio desde a elaboração do projeto até as longas jornadas de coleta de dados.

À Prof.^a Dr.^a. Júlia Scarano de Mendonça, pela orientação desse trabalho. Obrigada pela escuta atenta, pelas contribuições valiosas e, principalmente, por acreditar no meu desenvolvimento como pesquisadora desde o início. Sua experiência foi fundamental nesse processo.

À minha família, meu suporte em todas as etapas. Um agradecimento especial a Glauce e Gleyce, que me criaram com dedicação e investiram tanto na minha educação. Esse trabalho também é reflexo do esforço e do amor de vocês. Obrigada.

Aos meus amigos, que foram porto seguro nos dias de cansaço. Obrigada por me ouvirem, me acolherem, por estarem presentes sempre que precisei de uma pausa e de incentivo para continuar.

Às famílias e comunidades das ilhas do Combu, Murutucum e Maracujá. Agradeço pelo acolhimento, pela disposição em participar deste estudo, por cada aprendizado que as interações e conversas me proporcionaram. Este trabalho é, acima de tudo, sobre vocês e para vocês.

Nenhuma sociedade pode se sustentar por muito tempo sem que seus membros aprendam as peculiaridades, motivações e habilidades envolvidas na assistência e no cuidado de outros seres humanos.

- Urie Bronfenbrenner (2011, p. 53)

Barbosa, S. de O. (2026). Regulação emocional e metas de socialização de crianças ribeirinhas de 3 a 5 anos: percepção paterna e materna. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Belém, PA, 124 p.

Resumo

O presente estudo investigou as relações entre a regulação emocional infantil e as metas de socialização parentais em um contexto de populações tradicionais amazônicas. A pesquisa justifica-se pela necessidade de compreender o desenvolvimento socioemocional em comunidades ribeirinhas, cujas particularidades divergem dos padrões urbanos dominantes na literatura. A pesquisa comparou as percepções de pais e mães ribeirinhos sobre a regulação emocional de seus filhos (3 a 5 anos) e investigou a influência das metas de socialização nessas percepções. A amostra contou com 38 famílias nucleares (43 crianças) residentes em ilhas de Belém/PA. Foram utilizados o *Emotion Regulation Checklist* (ERC) e a Escala de Metas de Socialização (MES). Os resultados indicaram concordância geral entre os cuidadores, sem diferenças significativas nos escores gerais da percepção parental da regulação emocional de seus filhos ($t=0,150$; $p=0,4408$) e de metas de socialização parental ($t=0,310$; $p=0,3791$). Contudo, análises pontuais revelaram que pais percebem maior alegria nos filhos ($t=1,951$; $p=0,0289$) e priorizam a obediência aos mais velhos significativamente mais que as mães ($t=2,383$; $p=0,0109$). A análise de regressão mostrou que a obediência é o principal preditor da regulação emocional para os pais ($b=0,1772$; $p=0,003$). Para as mães, a percepção de regulação é influenciada tanto pelo incentivo à independência ($b=-0,0959$; $p=0,0237$) quanto pelas expectativas paternas de obediência ($b=0,2417$; $p=0,0194$). Conclui-se que o desenvolvimento socioemocional nesse contexto reflete um modelo autônomo-relacional, onde as percepções são moldadas por papéis de gênero e uma dinâmica de complementaridade parental.

Palavras-chave: regulação emocional, metas de socialização, populações ribeirinhas, percepção parental, Amazônia.

Barbosa, S. de O. (2026). Emotional regulation and socialization goals of riverside children aged 3 to 5 years: paternal and maternal perception. Master's thesis. Postgraduate Program in Theory and Research of Behavior, Belém, PA, 124 pages.

Abstract

The present study investigated the relationships between child emotion regulation and parental socialization goals in the context of traditional Amazonian populations. This research is justified by the need to understand socio-emotional development in riverine communities, whose specificities diverge from the urban patterns dominant in literature. The study compared the perceptions of riverine fathers and mothers regarding their children's emotion regulation (aged 3 to 5 years) and investigated the influence of socialization goals on these perceptions. The sample consisted of 38 nuclear families (43 children) living on islands in Belém/PA. The Emotion Regulation Checklist (ERC) and the Socialization Goals Scale (MES) were used. The results indicated general agreement between caregivers, with no significant differences in the general scores of parental perception of their children's emotion regulation ($t=0.150$; $p=0.4408$) and parental socialization goals ($t=0.310$; $p=0.3791$). However, specific analyses revealed that fathers perceive greater happiness in their children ($t=1.951$; $p=0.0289$) and prioritize obedience to elders significantly more than mothers ($t=2.383$; $p=0.0109$). Regression analysis showed that obedience is the main predictor of emotion regulation for fathers ($b=0.1772$; $p=0.003$). For mothers, the perception of regulation is influenced by both the encouragement of independence ($b=-0.0959$; $p=0.0237$) and paternal expectations of obedience ($b=0.2417$; $p=0.0194$). It is concluded that socio-emotional development in this context reflects an autonomous-relational model, where perceptions are shaped by gender roles and a dynamic of parental complementarity.

Keywords: emotion regulation, socialization goals, riverine populations, parental perception, Amazon

Lista de ilustrações

Figura 1 <i>Localização Geográfica da Área de Estudo e Identificação dos Pontos de Coleta de Dados</i>	2
Figura 2 <i>Moradias Dispostas em Agrupamentos e a Proximidade com o Rio.....</i>	5
Figura 3 <i>Uso do Transporte Fluvial como Principal Meio de Circulação e Integração Social</i>	5
Figura 4 <i>Frequência dos itens referentes a subescala de Regulação Emocional (RE). 38</i>	
Figura 5 <i>Frequência dos itens referentes a subescala de Labilidade/Negatividade Emocional (LN)</i>	39
Figura 6 <i>Frequência dos itens referentes a subescala de Interdependência.....</i>	42

Lista de tabelas

Tabela 1 <i>Dados sociodemográficos dos participantes do estudo</i>	27
Tabela 2 <i>Estatísticas Descritivas e Confiabilidade (Alfa de Cronbach) do ERC para Pais e Mães</i>	35
Tabela 3 <i>Estatísticas Descritivas e Confiabilidade (Alfa de Cronbach) de Metas de Socialização para Pais e Mães</i>	36
Tabela 4 <i>Comparação (teste t) das Médias do ERC entre Pais e Mães</i>	36
Tabela 5 <i>Comparação (teste t) das Médias do Questionário Metas de Socialização entre Pais e Mães</i>	40
Tabela 6 <i>Modelo final da Regressão Múltipla para subescala de Regulação Emocional, respondida pelas mães em relação às variáveis preditoras (Itens do questionário de Metas de Socialização)</i>	43
Tabela 7 <i>Modelo final da Regressão Múltipla para subescala de Labilidade/Negatividade Emocional, respondida pelas mães em relação às variáveis preditoras (Itens do questionário de Metas de Socialização)</i>	45
Tabela 8 <i>Modelo final da Regressão Múltipla para subescala de Regulação Emocional, respondida pelos pais em relação às variáveis preditoras (Itens do questionário de Metas de Socialização)</i>	46

Lista de Abreviaturas e Siglas

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

CEP/NMT-UFPA – Comitê de Ética em Pesquisa do Núcleo de Medicina Tropical da Universidade Federal do Pará.

CPP – *Child-Parent Psychotherapy*.

ERC – *Emotion Regulation Checklist*.

ISD – Inventário Sociodemográfico.

LED/UFPA – Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento Humano da Universidade Federal do Pará.

LN – Labilidade/Negatividade Emocional.

MES – Escala de Metas de Socialização.

PA – Pará.

PPCT – Processo-Pessoa-Contexto-Tempo.

RE – Regulação Emocional.

Setur – Secretaria de Turismo do Pará.

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

UBS – Unidade Básica de Saúde.

UFPA – Universidade Federal do Pará.

WEIRD – *Western, Educated, Industrialized, Rich, and Democrati*

Sumário

Introdução.....	16
Emoções	21
Revisão de literatura - Emoções	24
Regulação emocional.....	26
Revisão de literatura – Regulação Emocional	27
Bioecologia do Desenvolvimento Humano e Metas de Socialização.....	31
Objetivo Geral.....	39
Objetivos Específicos.....	39
Método.....	40
Delineamento.....	40
Participantes.....	41
Instrumentos	43
Procedimento	45
Procedimento de Análise dos Dados	46
Procedimentos Éticos	47
Resultados	48
Análises descritivas e de Confiabilidade Interna do ERC e MES	48
Percepção Parental da Regulação Emocional.....	50
Percepção Parental das Metas de Socialização.....	54
Associação entre Metas de Socialização e Regulação Emocional	56
Discussão	60
Contexto do estudo.....	62
Regulação Emocional.....	65
Metas de Socialização.....	69
Associação entre Metas de Socialização e Regulação Emocional	77
Limitações do estudo.....	82
Conclusão	85
Referências.....	88
ANEXO A – Termo de Autorização de Pesquisa	99
ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	105

ANEXO C – Declaração de Explicação da Pesquisa.....	108
ANEXO D – Inventário Sociodemográfico (ISD) – Versão Mãe	109
ANEXO E – Inventário Sociodemográfico (ISD) – Versão Pai.....	116
ANEXO F – Emotion Regulation Ckecklist (ERC).....	120
ANEXO G – Metas de Socialização (MES).....	123

Introdução

A regulação emocional, definida como a capacidade de identificar, monitorar e ajustar as próprias emoções para responder adequadamente a diversas situações, desempenha um papel fundamental no desenvolvimento humano (Eisenberg et al., 2010). No cotidiano das populações ribeirinhas da Amazônia, cujas características socioeconômicas e culturais são singulares, esse processo apresenta especificidades próprias que demandam investigação.

Embora o desenvolvimento socioemocional seja um tema bastante estudado no mundo, a literatura científica sobre o tema ainda se concentra majoritariamente na percepção materna, o que resulta em uma lacuna significativa sobre a participação do pai nesse processo. Essa ausência de dados é ainda maior no que diz respeito à comparação direta entre as percepções de pais e mães sobre a regulação emocional de seus filhos e como essas visões são influenciadas por suas metas de socialização, uma relação que é pouco explorada, especialmente no contexto amazônico.

Essa limitação reflete um problema de amostragem ainda mais abrangente na própria psicologia. Uma análise dos principais periódicos da área revelou que 96% dos sujeitos de pesquisa pertencem a países Ocidentais, Educados, Industrializados, Ricos e Democráticos, conhecidos pelo acrônimo *WEIRD*. Essas populações, no entanto, representam apenas 12% da humanidade, o que coloca em questão a generalização de muitos achados sobre os principais objetos de estudo da psicologia (Henrich et al., 2010). Portanto, investigar contextos não urbanos é essencial para a construção de uma ciência mais representativa e condizente com a diversidade da experiência humana.

Buscando preencher essa lacuna, pesquisas realizadas em diferentes regiões do Pará, como em vilas pesqueiras (Picanço et al., 2025), áreas rurais (Fonseca et al., 2017; 2024) e comunidades ribeirinhas residentes na floresta (Priante, 2025), começam a mapear as particularidades de fenômenos psicológicos e sociais nessas populações. Esses trabalhos investigam como o contexto e as mudanças socioeconômicas influenciam as crenças de pais e mães sobre o desenvolvimento emocional de seus filhos. Tais evidências regionais são fundamentais para situar os modelos de parentalidade existentes na Amazônia, servindo de base para o aprofundamento proposto nesta dissertação. Embora esses estudos comecem a preencher a lacuna sobre o contexto amazônico, as populações das ilhas do entorno de Belém ainda são pouco representadas na literatura.

Este estudo investigou famílias nucleares residentes de ilhas próximas a Belém, Pará. Nestas comunidades, a vida é profundamente conectada aos rios, que estruturam o transporte, o sustento e o lazer da população. O perfil da amostra revela famílias majoritariamente jovens e marcadas por contrastes internos significativos. Um deles é a diferença de escolaridade entre os cuidadores, em que a maioria das mães concluiu o Ensino Médio, enquanto a escolaridade predominante entre os pais é o Ensino Fundamental incompleto. A renda familiar, concentrada em menos de dois salário-mínimo em quase metade dos lares, evidencia um contexto de vulnerabilidade socioeconômica que serve de pano de fundo para as práticas parentais analisadas nessa pesquisa. O mapa abaixo contextualiza a área de estudo e detalha a região insular próxima de Belém, destacando as ilhas do Combú, Murutucum e Maracujá, onde os dados foram coletados. Os sinais de localização indicam os pontos específicos de coleta de dados.

Figura 1

Saúde (UBS), às Igrejas, que atuam como importantes redes de apoio social e moral para a comunidade.

Os ribeirinhos caracterizam-se como uma população que vive em agrupamentos familiares ao longo dos rios, com modo de vida e sobrevivência únicos, tratando-se de uma população com funcionamento e identidade específicas. O contexto da pesquisa são as ilhas dessa região (Combu, Maracujá e Murutucum), com destaque maior para a região do Combu, que está em maior evidência devido ao recente desenvolvimento turístico na área. Devido à proximidade com a capital paraense, as comunidades ribeirinhas apresentam uma dicotomia entre elementos urbanos que invadem a rotina e o modo de vida tradicional, que permanece na organização social, econômica e cultural. Embora estejam localizadas nas imediações de Belém, essas ilhas ainda enfrentam desafios relacionados às necessidades básicas, apesar da disponibilidade de alguns serviços essenciais, como escolas e UBS (Chaves, 2001; Costa, 2015; Dergan, 2006; Silva, 2023).

Figura 2

Moradias Dispostas em Agrupamentos e a Proximidade com o Rio



Nota. O registro mostra habitações de madeira construídas sobre estacas para adaptação ao ciclo das marés. A organização dessas casas reflete a conexão direta entre o espaço privado e o rio. Foto produzida pela autora (2025).

Figura 3

Uso do Transporte Fluvial como Principal Meio de Circulação e Integração Social



Nota. O rio atua como o elemento que conecta os moradores ao mundo, como escolas e serviços de saúde. A imagem demonstra a rotina de deslocamento por pequenas embarcações motorizadas, essencial para essa população. Foto produzida pela autora (2024).

Dessa forma, Costa (2015) constata que a Ilha do Combu enfrenta um isolamento parcial em relação à capital paraense, uma vez que, apesar de muitas atividades comerciais serem realizadas na própria ilha, nem sempre elas são suficientes para suprir todas as demandas dos moradores. Recentemente, esse cenário foi transformado pela expansão do turismo, setor que recebe incentivos diretos do Estado por meio de capacitações da Secretaria de Turismo do Pará (Setur) e de ampla divulgação em mídias sociais. Essa

exposição foca na gastronomia amazônica e no contato com a natureza, mas gera impactos profundos no cotidiano local.

Segundo Silva (2023), o crescimento é acelerado; atualmente são encontrados aproximadamente 16 restaurantes em apenas uma das comunidades da ilha. Para os moradores, essa nova dinâmica traz problemas como o fluxo excessivo de embarcações, poluição sonora e a invasão de propriedades privadas por visitantes que confundem residências com espaços públicos. Rodrigues (2020) descreve esse processo como a inserção de circuitos da economia urbana na ilha, onde a lógica de serviços e comércios coexistem com as atividades extrativistas tradicionais, fundamentais para a sobrevivências dessa população.

Nesse cenário complexo e ainda pouco explorado pela literatura, este estudo tem como objetivo central, comparar as percepções de pais e mães ribeirinhos sobre a regulação emocional de seus filhos na faixa etária de 3 a 5 anos, assim como explorar como as metas de socialização dos pais e das mães influenciam nesse fenômeno. Compreender como esses desafios ambientais e culturais impactam as emoções infantis exige uma análise dos processos psicológicos que sustentam esse desenvolvimento. Assim, antes de observar as dinâmicas específicas da região, é fundamental discutir a natureza e a função das emoções humanas.

Emoções

As emoções são fenômenos internos que ocorrem subjetivamente e se manifestam por meio de reações fisiológicas, processos cognitivos e comportamentos observáveis, desempenhando um papel crucial no desenvolvimento humano (Arteche et al., 2018). O estudo científico dessas manifestações remonta a Charles Darwin, autor da Teoria da

Evolução das Espécies, que em seu livro “A Expressão das Emoções no Homem e nos Animais” (1872), estabeleceu os primeiros registros sobre o tema. Desde então, as investigações na área expandiram-se, embora tenham mantido por muito tempo um foco predominante na manifestação por meio da face humana e sua ligação direta com a fisiologia.

Atualmente, o debate sobre a origem das emoções concentra-se em duas hipóteses principais. A primeira é a teoria localizacionista, que entende as emoções como diretamente ligadas a áreas específicas do cérebro, como a amígdala associada ao medo. A segunda, a mais aceita atualmente pela comunidade científica, é a teoria construcionista. Esta perspectiva compreende o fenômeno como eventos derivados de processos psicológicos básicos - como percepção, atenção, memória, emoções e linguagem - e não derivada de uma estrutura cerebral específica (Arteche et al., 2018).

A literatura aponta que as emoções podem ser divididas em básicas e esquemas emocionais. As emoções básicas são definidas como processos inatos, compostos por fenômenos neurais, corporais e sensoriais que ocorrem automaticamente em resposta a estímulos ambientais, sejam eles visuais, auditivos e/ou táteis. Essas emoções compartilham características presentes em todos os seres humanos, como a capacidade de regulação, a emissão de comportamentos e a elicitação de processos cognitivos. Em contrapartida, os esquemas emocionais resultam da interação entre as emoções básicas e a cognição humana. Diferentemente das reações inatas, os esquemas envolvem um processo mais complexo de avaliação cognitiva para originar emoções sofisticadas, como orgulho, culpa e inveja (Frijda, 1993; Izard, 1977; Scherer et al., 2006; Tomkins, 1987).

No contexto do desenvolvimento humano, a expressão e a identificação das emoções exercem uma importante função adaptativa. Desde o início da vida, o *Homo*

Sapiens é capaz de sentir as emoções básicas - medo, nojo, alegria, tristeza, raiva e surpresa - ainda que sem um estado de consciência associado a elas (Seidl-de-Moura & Ribas, 2009). As emoções básicas negativas visam a sobrevivência, auxiliando, por exemplo, na fuga de perigos e na busca por proteção de cuidadores. Sob a perspectiva evolucionista, nota-se que o medo, o nojo e a raiva concentram a maioria das pesquisas, enquanto a tristeza, alegria e surpresa foram menos estudadas. Essa diferença ocorre porque as emoções negativas tendem a ser percebidas com maior intensidade durante a infância, diminuindo conforme o desenvolvimento cognitivo, físico e social avança (Arteche et al., 2018; Denham et al., 2003; Lewis, 2010; Papalia & Feldman, 2013).

Além das emoções, as habilidades de socialização e regulação manifestam-se desde as primeiras semanas de vida, embora ainda não estejam totalmente estabelecidas. Desde o período neonatal, o bebê expressa estados emocionais por meio de comportamentos como gritos agudos, choro e enrijecimento corporal. A partir do terceiro mês, ocorre uma fase de despertar social caracterizada pela busca intensa por interações, processo que se expande nos meses seguintes com o início dos “jogos sociais” e a expressão de emoções básicas (Arteche et al., 2018; Lewis, 2010; Papalia & Feldman, 2013; Seidl-de-Moura & Ribas, 2009).

Segundo Lewis (2010), as emoções na infância podem ser compreendidas por meio de três aspectos: eliciadores emocionais (gatilhos físicos e mentais), padrões de ação (respostas físicas e automáticas) e a capacidade de vivenciar e elaborar esses estados. É importante destacar que, embora a biologia forneça a estrutura necessária, é a interação com o ambiente social, aliada à maturação cognitiva, que permite que as emoções sejam compreendidas e vivenciadas ao longo do tempo.

As emoções são respostas que envolvem o corpo e a mente para nos ajudar a lidar com o mundo, e não apenas reações biológicas automáticas, mas sim processos construídos por meio das interações sociais e de aspectos cognitivos. Assim, o que começa como sensações simples se torna mais complexo conforme a criança cresce e aprende com o meio. Esse papel central do ambiente ajuda a explicar por que as pesquisas buscam compreender a forma como os pais interpretam e reagem às emoções dos filhos no cotidiano e qual seu papel nesse desenvolvimento.

Revisão de literatura - Emoções

Na psicologia do desenvolvimento, a investigação desse processo interativo apoia-se frequentemente em medidas indiretas, como os relatos de pais e cuidadores, para analisar como as dinâmicas familiares impactam o desenvolvimento socioemocional infantil. Vale ressaltar que a maior parte das amostras encontradas é composta apenas por mães, havendo uma ausência significativa de pesquisas com apenas o pai ou que incluíssem os dois (Jiménez-Balam et al., 2023).

Por exemplo, um estudo brasileiro investigou as concepções de 60 pais sobre a alegria, tristeza, raiva, medo, orgulho e vergonha em crianças de até 3 anos de idade. Os resultados indicaram que os pais identificaram prontamente a manifestação da alegria. No entanto, para as emoções negativas, a maioria não reconheceu a manifestação destas em seus filhos. Apenas os pais de crianças mais velhas (30 a 36 meses) concordaram que seus filhos manifestavam emoções como raiva, orgulho e vergonha. As autoras atribuem esse resultado ao peso da cultura, uma vez que as emoções positivas são socialmente mais bem aceitas do que as negativas (Mendes & Ramos, 2020).

De forma complementar, um estudo de Bjørk et al. (2020) com 40 crianças de cinco a seis anos encontrou uma relação direta entre a responsividade negativa dos pais,

problemas de comportamento e de compreensão emocional das crianças. Por exemplo, quando os pais reagiam de forma inadequada, exibindo estresse, impaciência ou irritabilidade às emoções negativas dos filhos, as crianças apresentavam maior frequência de problemas de comportamento. Em contrapartida, quando os pais encorajavam os filhos a falar sobre suas emoções, eles compreendiam e processavam melhor o que estava acontecendo, resultando em menos comportamentos problemáticos.

Já Bernstein et al. (2019) avaliaram o efeito de uma intervenção terapêutica na percepção maternal sobre as emoções das crianças. A hipótese principal era a de que mães vítimas de violência teriam uma percepção enviesada na identificação de emoções negativas em seus filhos. A amostra de 113 mães de crianças de dois a seis anos de idade foi dividida entre um grupo de intervenção e outro de controle. Utilizando o teste *I FEEL*, que mede a identificação de emoções em fotografias de crianças, observou-se que essas mães, inicialmente, apresentavam uma tendência a interpretar exageradamente as emoções negativas, principalmente o medo. Posteriormente, o grupo de intervenção, participou por 12 meses do programa *Child-Parent Psychotherapy* (CPP), uma intervenção psicoterapêutica que busca recuperar e melhorar a relação entre cuidador-criança por meio da brincadeira. Por fim, a repetição do teste *I FEEL* revelou uma redução na tendência de percepção de emoções negativas por parte das mães, indicando um fortalecimento da relação mãe-filho como resultado da intervenção.

Finalizando esta seção, Lins et al. (2023) analisaram o efeito do programa brasileiro “Vivendo Emoções”, focado na socialização emocional infantil por meio de atividades em grupos com pais e filhos. A amostra foi composta por 32 mães de crianças entre três e oito anos de idade, divididas entre os grupos de intervenção e controle. A hipótese do estudo era a de que as reações não apoiadoras dos pais (punitivas) seriam menos frequentes que

as reações apoiadoras (incentivo, foco em resolução do problema e em emoções) no grupo que participasse da intervenção. Após oito semanas de aplicação do protocolo, os dados confirmaram a hipótese, pois o grupo de intervenção apresentou significativamente menos reações não apoiadoras às emoções negativas dos filhos em comparação ao grupo controle, o que demonstrou a eficácia do programa.

Por fim, as pesquisas apresentadas reforçam a conexão entre o desenvolvimento emocional e o ambiente, especialmente as relações construídas pela criança ao longo do tempo. O contexto familiar é central nesse processo, pois as interações iniciais com pais e cuidadores permitem o desenvolvimento das primeiras habilidades de regulação emocional. Dessa forma, a vivência das emoções exige o aprendizado da modulação da expressão emocional, para que ela se torne social e culturalmente adequada ao meio em que a criança está inserida.

Regulação emocional

De modo geral, a regulação emocional é compreendida como o processo que visa mudar a trajetória de uma emoção. Segundo Gross (2014), a regulação pode acontecer de duas formas: a intrínseca, que ocorre por meio de mecanismos biológicos internos, e a extrínseca, mediada por outras pessoas. No caso de crianças, essa regulação depende em grande parte da disponibilidade dos pais e cuidadores em estarem atentos às necessidades emocionais dos filhos. Chen (2022) também faz essa divisão, ressaltando que as funções extrínsecas são importantes no início da vida, podendo afetar a idade adulta, enquanto as funções intrínsecas estão relacionadas à linguagem, cognição e identidade do sujeito. Portanto, a regulação emocional constitui um processo externo, mediado pelo outro.

Com uma abordagem centrada na relação cuidador-criança, Morris et al. (2007, 2017) entendem a regulação emocional como um processo diádico que envolve tanto

componentes internos quanto externos. Os componentes internos abrangem os aspectos neurológicos e cognitivos, enquanto os externos referem-se à influência dos pais sobre as emoções de seus filhos. As estratégias de regulação emocional incluem o redirecionamento da atenção, a reestruturação cognitiva e a modulação de ativação, de modo que a criança frequentemente recorre a suportes externos para auxiliar em sua regulação, destacando o aspecto extrínseco desse processo.

Nesse sentido, Morris et al. (2007) sugerem que a regulação emocional e as relações familiares estão conectadas por três vias principais: pela observação, por meio da qual as crianças aprendem habilidades regulatórias ao notar o comportamento dos pais, pelas práticas parentais, em que as ações dos cuidadores impactam diretamente a regulação emocional dos filhos e pelo clima emocional da família, influenciado pela qualidade das relações, pelo estilo parental e pela expressividade emocional do núcleo familiar. Portanto, quanto mais positivas forem as reações parentais e o ambiente de desenvolvimento, maior a probabilidade de a criança desenvolver habilidades adequadas de regulação emocional.

A compreensão de que a regulação emocional se consolida por meio dessas interações iniciais com os cuidadores, fundamenta a necessidade de observar como esses processos acontecem em diferentes contextos. Investigar a literatura científica sobre o tema, permite identificar os fatores que promovem e dificultam o desenvolvimento de tais habilidades, oferecendo um suporte para a análise das dinâmicas parentais e das particularidades do desenvolvimento emocional infantil.

Revisão de literatura – Regulação Emocional

As pesquisas recentes sobre regulação emocional centram-se na relação entre pais e filhos, buscando avaliar como as ações parentais impactam o desenvolvimento das habilidades emocionais das crianças. Contudo, nota-se uma lacuna significativa em estudos

que comparam as percepções de pais e mães sobre esse fenômeno. Algumas investigações demonstram que as reações parentais influenciam diretamente a regulação emocional infantil.

Como exemplo, um estudo observacional com 153 díades mãe-criança, entre 4 e 9 anos, avaliou a reação das crianças a um evento frustrante, que era o recebimento de uma recompensa indesejada, e o papel materno de manejo desse momento de estresse para a criança. Os resultados indicaram que estratégias cognitivas das mães, como o redirecionamento da atenção, foram mais efetivas do que o conforto físico. Concluiu-se que a forma como as mães auxiliam os filhos em momentos de desregulação (expressando raiva ou tristeza) impacta diretamente a capacidade regulatória da criança (Morris, 2011).

Bølstad et al. (2021) encontraram resultados semelhantes ao testar o impacto de uma intervenção focada em emoções com 20 pais de crianças entre 5 e 6 anos. Os dados evidenciaram um aumento nos comportamentos de apoio emocional dos pais e uma redução nos problemas de comportamento das crianças. Além disso, os filhos mostraram melhor discriminação emocional - entendida como a capacidade de diferenciar emoções - um dos componentes do processo de regulação.

De forma complementar, outros estudos destacam o papel do pai nesse processo. Cunha et al. (2022) conduziram um estudo com 47 famílias nucleares brasileiras para analisar a relação entre a regulação emocional parental e o desenvolvimento de filhos entre 24 e 35 meses. Os resultados revelaram que as habilidades regulatórias de ambos os genitores estavam relacionadas às das crianças, mas de formas distintas.

Ao contrário das mães, que obtiveram escores altos, os pais apresentaram escores medianos. As autoras sugerem que isso se deve, principalmente, à carga horária de trabalho dos pais (cerca de 11 horas superior à das mães por semana), o que limita o tempo de

interação direta. No entanto, não é possível afirmar que o impacto paterno seja menor, pois a literatura ainda não possui parâmetros definitivos medir ao certo o efeito da regulação parental para a criança. Mesmo com escores menores, os pais se mostraram cruciais para o aumento da capacidade de regulação emocional das crianças (Cunha et al., 2022).

Ainda sobre o papel paterno, Kerr et al. (2021) investigaram a sincronia interacional em 75 famílias com filhos entre 18 e 27 meses. Os resultados indicaram que em situações de frustração controlada - projetadas especialmente para testar a capacidade de regulação emocional das crianças - a sincronia nas díades pai-filho estava mais associada a menores índices de sofrimento do que a sincronia com as mães. Embora o artigo não apresente uma explicação exata, as autoras concluem que a contribuição do pai é extremamente relevante para o desenvolvimento infantil, apesar de os mecanismos envolvidos ainda não estarem totalmente claros.

Já Begum (2023), em um estudo qualitativo internacional, realizado em áreas urbanas da cidade de Dhaka, em Bangladesh, explorou a percepção de sete mães e seis pais de classe média alta sobre o desenvolvimento socioemocional de filhos entre zero e três anos. A autora indica que esses pais possuem um bom entendimento sobre socialização e o papel do incentivo às habilidades emocionais, porém destaca que existe uma discrepância entre o que os pais percebem e a sua prática real.

No Brasil, Silva (2022) investigou as relações entre as crenças sobre a emoção e a regulação emocional infantil em uma amostra de 40 mães, divididas entre residentes de favelas e de outras áreas urbanas. Os resultados não apontaram diferenças significativas entre os dois grupos, o que sugere que as crenças maternas sobre emoções podem não variar conforme o contexto socioeconômico nesta amostra específica. É importante notar que a percepção paterna não foi incluída nessa investigação.

Em pesquisas longitudinais, Tan e Smith (2019) estudaram famílias de uma área rural em dois momentos: aos 4-5 anos e aos 8-9 anos de idade. O estudo confirmou que níveis mais altos de emoções positivas nas mães impactam o desenvolvimento da regulação emocional das crianças, embora a regulação de mães e filhos não tenha apresentado uma relação direta. As autoras ressaltam que outras pesquisas encontraram evidências contrárias, mas utilizavam apenas a percepção materna como método, sem a observação direta da criança para comparação.

Peisch et al. (2020) acompanharam pais e filhos por 12 meses para avaliar como o comportamento de socialização emocional se relacionava com as habilidades de regulação dos filhos. Os dados indicaram que o incentivo constante dos pais a habilidades regulatórias resultou em melhores índices de regulação emocional na criança ao longo do tempo. Um ponto relevante foi que os cuidadores que incentivavam os filhos a enfrentar a causa do estresse, geraram um impacto positivo no desenvolvimento emocional infantil daquelas crianças.

Por fim, Hong et al. (2021) analisaram como a combinação da responsividade materna e o ambiente doméstico impactam a regulação emocional. Em uma amostra de 224 famílias de cidades rurais e urbanas dos EUA, os resultados comprovaram uma associação positiva entre a responsividade materna apoiadora e uma melhor regulação emocional das crianças. Além disso, observou-se que em ambientes domésticos mais caóticos, as mães tendiam a reagir de maneira menos apoiadora aos filhos.

Por fim, o desenvolvimento das emoções e da regulação emocional são processos que ocorrem em conjunto, imersos em um contexto ambiental e permeado pelas relações sociais com seus cuidadores. Além disso, a dinâmica familiar e o apoio emocional dos

cuidadores impactam diretamente no desenvolvimento das competências emocionais e regulatórias da criança.

Fica evidente, portanto, que o desenvolvimento da regulação emocional não pode ser compreendido isoladamente, mas sim como um processo imerso nas interações familiares e no ambiente mais amplo. Para analisar essa complexa rede de influências de maneira interligada, esta pesquisa adota a Bioecologia do Desenvolvimento Humano em conjunto com a compreensão das Metas de Socialização parental como referencial teórico, pois oferecem uma perspectiva que proporciona a compreensão ampla do desenvolvimento humano, considerando as interações sociais e os fatores ambientais.

Em síntese, o levantamento bibliográfico das seções anteriores demonstra que a investigação científica sobre emoções e regulação emocional ainda é predominantemente centrada em amostras urbanas e na perspectiva materna. Dos 13 estudos revisados, cerca de 85% (n=11) foram conduzidos em grandes centros urbanos, com apenas dois estudos (Tan & Smith, 2019; Hong et al., 2021) abordando o contexto rural. Adicionalmente, embora a inclusão de amostras paternas apareça em pouco mais da metade das pesquisas citadas (53,8%), o pai ainda é frequentemente excluído de investigações em contextos de vulnerabilidade ou populações tradicionais. Esse cenário reforça a relevância deste estudo ao propor uma análise integrada das percepções de pais e mães em uma comunidade ribeirinha amazônica.

Bioecologia do Desenvolvimento Humano e Metas de Socialização

A Bioecologia do Desenvolvimento Humano, proposta por Bronfenbrenner (2011), compreende o desenvolvimento como um processo de continuidade e mudança nas características biopsicológicas do indivíduo. Essa perspectiva defende que o desenvolvimento ocorre ao longo do tempo por meio de interações recíprocas nos

ambientes em que a pessoa está inserida. Em sua formulação inicial, denominada Ecologia do Desenvolvimento Humano, a teoria focava no estudo científico da pessoa em seu contexto imediato, abrangendo tanto as relações sociais próximas quanto os ambientes indiretos que afetam o crescimento.

Nesse contexto, a Ecologia do Desenvolvimento estabelece quatro níveis sistemáticos que influenciam o desenvolvimento humano: o microssistema, o mesossistema, o exossistema e o macrosistema. O microssistema refere-se ao ambiente imediato em que o indivíduo está inserido, como a família; o mesossistema diz respeito às interações entre os diferentes ambientes em que o sujeito participa; o exossistema compreende os contextos nos quais a pessoa não está presente de forma ativa, mas que a afetam indiretamente; e o macrosistema engloba a cultura, as normas sociais e as leis (Bronfenbrenner, 2011). Posteriormente, com a evolução da teoria para a Bioecologia do Desenvolvimento Humano, o foco voltou-se para o modelo PPCT, que é composto pelas dimensões de Processo, Pessoa, Contexto e Tempo (Bronfenbrenner & Morris, 2006).

Nesse modelo, o elemento Processo refere-se aos processos proximais, definidos como as interações recíprocas e progressivamente complexas entre a pessoa e o ambiente, sendo considerados os principais motores do desenvolvimento humano. Estes processos ocorrem no ambiente imediato, como nas brincadeiras entre pais e filhos. Além disso, a dimensão Pessoa abrange o repertório biológico e psicológico do indivíduo; o Contexto engloba os níveis sistêmicos descritos anteriormente e o Tempo envolve desde as experiências imediatas até os marcos históricos que atravessam a vida do sujeito (Bronfenbrenner, 2011; Rosa & Tudge, 2013).

A partir dessa fundamentação, a ênfase deste trabalho vai se concentrar especialmente sobre alguns dos conceitos e formulações da Bioecologia do

Desenvolvimento Humano. Serão enfatizados, especialmente, os conceitos de microssistema, exossistema e macrosistema. Além disso, os processos proximais mostram-se fundamentais como forma de compreender o desenvolvimento das emoções e da regulação emocional nas crianças, considerando sua função central de promotores do desenvolvimento humano.

Nesse sentido, ao considerar a realidade da criança ribeirinha, o microssistema familiar assume um papel fundamental, uma vez que as interações ocorrem em um ambiente marcado por dinâmicas de subsistência e de convivência comunitária específicas. O exossistema, representado pelas condições de trabalho dos pais e pela influência do fluxo turístico na região, exerce pressões que moldam indiretamente o tempo e a qualidade das interações familiares. Já o macrosistema, composto pelas crenças e valores das comunidades tradicionais amazônicas, fornece as normas que orientam as metas de socialização e as expectativas sobre o comportamento emocional infantil. Dessa forma, a análise integrada desses níveis permite compreender como o contexto atua como um cenário dinâmico para os processos proximais que sustentam o desenvolvimento emocional.

De acordo com Bronfenbrenner (2011), o microssistema constitui a dimensão mais próxima do indivíduo, sendo composto por padrões de interações e papéis em ambientes específicos, nos quais o sujeito se relaciona com os aspectos físicos, sociais e simbólicos locais. Nesse sentido, as emoções e a regulação emocional são fenômenos que ocorrem nos microssistemas dessas crianças e de seus pais. Alguns exemplos desse nível são a casa, a escola, a igreja ou, no contexto específico desta pesquisa, o próprio rio, frequentemente utilizado como espaço de lazer e meio de transporte. É nessa dimensão imediata que os

processos proximais operam como os principais produtores do desenvolvimento humano (Bronfenbrenner, 1996).

Dessa forma, os processos proximais não apenas facilitam, como também podem alterar o curso do desenvolvimento, manifestando-se de maneira funcional ou disfuncional. Para que sejam efetivos, esses processos necessitam de estabilidade e aumento gradual de complexidade ao longo do tempo, uma vez que atividades lineares, que apenas se repetem sem evoluir, não apresentam eficácia a longo prazo. Além disso, uma característica marcante dos processos proximais é a reciprocidade na interação, pois assim como a criança é estimulada a se relacionar com seus cuidadores, o contrário também deve acontecer. Por fim, o desenvolvimento ocorre de acordo com a forma, o conteúdo e a direção dos processos proximais, variando conforme as características da pessoa e dos contextos em que ela vive. É nessa dimensão mais direta que a criança manifesta comportamentos observáveis, como a expressão e a regulação de suas emoções (Bronfenbrenner & Morris, 2006).

É importante compreender que, nas crianças, os processos proximais são capazes de gerar motivação, conhecimentos e habilidades para o desempenho de atividades fundamentais para seu desenvolvimento. As crianças podem ter diversas pessoas, objetos e símbolos com os quais interagem ao longo de sua vida. Inicialmente, os principais agentes de socialização são os pais ou cuidadores primários e posteriormente, ocorre a adição de outros ambientes ecológicos, como a escola, com vários professores, colegas de sala ou possíveis novos membros na família, como irmãos e amigos, além de colegas de trabalho e parceiros românticos já na vida adulta (Bronfenbrenner & Morris, 2006).

Bronfenbrenner e Morris (2006) discutem como o impacto dos objetos, símbolos e das pessoas que interagem com a criança também dependerá das características dos ambientes físicos em que ela vive. Quanto mais desfavorecido for o ambiente físico da criança, menores tendem a ser os recursos, tanto de objetos quanto das próprias pessoas. Apesar disso, é comum perceber que, nesses ambientes, há certa compatibilidade entre as necessidades sentidas pela criança e a capacidade de resposta dos cuidadores. Logo, mesmo ambientes físicos com menos recursos são capazes de promover o desenvolvimento, a depender principalmente da capacidade de resposta dos cuidadores às necessidades dessas crianças.

Além do microsistema, é importante destacar que o macrosistema também afeta de forma direta a maneira como a percepção parental é construída ao longo do tempo. O macrosistema é compreendido como a dimensão que perpassa todas as outras, sendo composto pela cultura, instituições, leis e políticas públicas; ou seja, por tudo o que governa o ambiente físico e subjetivo no qual nos desenvolvemos. Ele é responsável por igualar ou diferenciar as culturas e subculturas das sociedades por meio de padrões globais de ideologia e organização (Bronfenbrenner, 2011).

Dentro da noção de macrosistema, a formulação considerada mais relevante para este tema consiste em compreender o sistema de crenças de uma determinada cultura, sua origem e seu impacto nas relações interpessoais em diferentes contextos, principalmente na forma como as pessoas compreendem o desenvolvimento infantil nesse período. Para Bronfenbrenner (2011), é a partir disso que não apenas os pais, mas também educadores e cuidadores em geral decidem, mesmo que inconscientemente, como criarão toda uma geração de pessoas. Tais padrões de crenças são transmitidos de uma geração para outra

por meio de instituições que abrangem desde a família até o trabalho, a escola e os centros religiosos.

Também é importante definir que existem diferentes tipos de macrossistema, como os superordinários, que estão relacionados aos rótulos sociais como classe social, raça e local de moradia. Existem também diferenças entre profissões e experiências de acordo com eventos históricos, épocas e estilos de vida. Por ser uma população tradicional da Amazônia, os ribeirinhos possuem características culturais que se diferenciam da população urbana e, conseqüentemente, as crenças sobre a criação dos filhos, as relações familiares e o desenvolvimento infantil também podem ser consideravelmente diferentes. Dentro do macrossistema, essas crenças culturais são um dos elementos mais poderosos, pois se manifestam diretamente nas práticas parentais por meio do que a literatura define como metas de socialização.

As metas de socialização referem-se às expectativas que os pais têm em relação ao desenvolvimento de seus filhos e estão diretamente ligadas ao conceito de etnoteoria parental. Para embasar a análise das expectativas parentais, é fundamental considerar o conceito de nicho de desenvolvimento (Super & Harkness, 1986). Este modelo propõe que o desenvolvimento da criança ocorre em um ambiente cultural estruturado por três componentes: o ambiente físico e social, os costumes de cuidado e a psicologia dos cuidadores. A psicologia dos cuidadores inclui justamente as etnoteorias parentais, que consiste no sistema de crenças e valores culturais sobre como cuidar e educar uma criança. É a partir dessas etnoteorias que os pais formulam as metas de socialização, que são as expectativas concretas sobre o que seus filhos devem aprender e como devem se comportar. Assim, as metas de socialização são a expressão prática das etnoteorias que constituem um elemento central do nicho de desenvolvimento (Keller et al., 2006).

Keller et al. (2006) exploraram a influência do contexto cultural nas metas de socialização, identificando três modelos principais de *self*: independente, interdependente e autônomo-relacional. O modelo independente, comum em países ocidentais e industrializados como Alemanha e EUA, enfatiza a autonomia e a autoconfiança do indivíduo, refletindo-se em práticas parentais que priorizam a independência da criança desde cedo.

De forma contrária, o modelo interdependente, presente em culturas tradicionais rurais como as dos Camarões e da Índia, valoriza o coletivismo, o bem-estar familiar e comunitário; suas práticas parentais promovem a colaboração, o respeito às tradições e a responsabilidade social. Por fim, o modelo autônomo-relacional, observado em contextos urbanos de países em desenvolvimento como China e México, equilibra a autonomia e a interdependência, incentivando tanto o desenvolvimento individual quanto o bem-estar comunitário. Dessa forma, as metas de socialização variam conforme os valores culturais, embora se note que possa haver heterogeneidade dentro de uma mesma comunidade que compartilha metas semelhantes (Keller & Demuth, 2006).

Segundo Keller e Otto (2009), outro aspecto a ser considerado é a influência das normas culturais na expressividade emocional infantil. Em culturas com características predominantemente individualistas, a expressão de emoções, inclusive as negativas, é frequentemente encorajada por estar associada a valores de autonomia e autoafirmação. Em contrapartida, em culturas coletivistas, emoções negativas apresentam maior tendência a serem suprimidas, pois a prioridade é manter a harmonia e o bem-estar social do grupo. Essa distinção é fundamental, uma vez que as crianças aprendem sobre regulação emocional principalmente com seus cuidadores.

A função de sobrevivência das emoções também deve ser levada em conta. Por exemplo, em culturas que dependem do trabalho coletivo, a ausência de demonstração de emoções que perturbem a comunidade pode ser crucial para manter a cooperação. Portanto, as práticas e crenças parentais são moldadas pelas características de cada cultura, o que influencia o conteúdo transmitido às crianças.

De forma semelhante, Friedlmeier e Trommsdorff (1999), ao compararem mães alemãs e japonesas, observaram que as mães alemãs esperavam que seus filhos regulassem suas emoções de forma autônoma, enquanto as mães japonesas incentivavam a expressão de sofrimento e ofereciam apoio para a regulação emocional, refletindo o ideal coletivista de interdependência emocional. Os autores descrevem esses padrões como ciclos interpessoais específicos da cultura, nos quais as práticas maternas e as reações infantis se reforçam mutuamente para atingir os objetivos de socialização daquela sociedade.

Alguns estudos empíricos reforçam essa relação. Chen-Bouck (2019) investigou as metas de socialização coletivistas de mães chinesas, analisando como esses fatores influenciavam seus estilos parentais. Os resultados indicaram que mães com metas coletivistas mais fortes tendiam a adotar estilos parentais autoritários, com ênfase no controle comportamental e psicológico. O estudo de Keller e Otto (2009) reforça essas diferenças ao comparar as práticas de socialização emocional: enquanto mães alemãs enfatizavam a autonomia e a expressão emocional, mães de Camarões priorizavam o controle emocional e a calma, fazendo com que as crianças refletissem as expectativas de seus respectivos contextos culturais.

Somado às influências do macrosistema, é fundamental compreender o contexto socioeconômico das ilhas próximas a Belém como um exossistema influente na dinâmica das famílias ribeirinhas. Para Bronfenbrenner (2011), um exossistema é composto por

ambientes nos quais a pessoa em desenvolvimento não está presente diretamente, mas que exercem influência em seu processo, afetando seu comportamento e suas emoções. No caso das crianças ribeirinhas, o trabalho dos pais constitui um exemplo central de exossistema, pois as transformações nesse ambiente geram impactos diretos dentro de casa, alterando a rotina e as interações entre pais e filhos.

Portanto, a integração entre os sistemas bioecológicos e as metas de socialização revela que as crenças parentais e os contextos culturais e socioeconômicos exercem influências sobre as práticas de cuidado. A regulação emocional e as interações familiares são afetadas por esses múltiplos fatores, o que destaca a relevância de considerar tanto o ambiente quanto as expectativas parentais para a compreensão dessas dinâmicas. Dessa forma, integrar o estudo das metas de socialização à bioecologia permite uma visão completa de como o contexto impacta o desenvolvimento infantil e a sensibilidade dos cuidadores às necessidades das crianças.

Objetivo Geral

Comparar a percepção paterna e materna sobre a regulação emocional de crianças ribeirinhas da Amazônia de 3 a 5 anos.

Investigar a influência das metas de socialização das mães e dos pais nas suas percepções sobre a regulação emocional de crianças ribeirinhas da Amazônia de 3 a 5 anos.

Objetivos Específicos

Identificar a percepção paterna e materna sobre regulação emocional de seus filhos.

Identificar a percepção paterna e materna sobre as metas de socialização de seus filhos.

Identificar as metas de socialização das mães e dos pais.

Descrever aspectos socioeconômicos e o contexto atual da Ilha do Combu.

Método

Delineamento

Este estudo adota uma abordagem quantitativa, com delineamento transversal, descritivo e correlacional. Por meio de instrumentos validados, o objetivo foi identificar divergências entre as percepções de pais e mães sobre a regulação emocional dos filhos e analisar como as metas de socialização influenciam essas percepções.

Participantes

A amostra constituiu-se de 38 famílias nucleares, compostas por pai, mãe e filho/a. Dentre essas famílias, cinco possuíam dois filhos dentro dos critérios de inclusão, sendo ambas as crianças consideradas nas análises, totalizando a participação de 43 crianças na faixa etária de 3 a 5 anos, de ambos os gêneros. A inclusão de mais de uma criança por família foi realizada respeitando a unidade de análise individual, conforme as percepções relatadas separadamente por pais e mães.

As características sociodemográficas detalhadas da amostra são apresentadas na Tabela 1. A amostra infantil apresentou equilíbrio de gênero, com 48,8% de meninas e 51,1% de meninos, e maior concentração na faixa etária de 3 anos (55,8%). Os critérios de inclusão consideraram crianças na faixa etária de 3 a 5 anos, sem problemas graves de saúde e sem diagnósticos de deficiências físicas ou intelectuais. Foram excluídas crianças nascidas prematuras (idade gestacional inferior a 36 semanas) ou com histórico de desnutrição. Em relação aos genitores, a idade das mães variou de 17 a 43 anos ($M = 29,38$; $DP = 6,53$) e a dos pais, de 21 a 48 anos ($M = 33,35$; $DP = 7,13$).

Tabela 1

Dados sociodemográficos dos participantes do estudo

Variável			
Criança (n=43)	Categoria	n	Porcentagem
Gênero da criança	Menina	21	48,8%
	Menino	22	51,1%
Idade da criança	3 anos	24	55,8%
	4 anos	14	32,5%
	5 anos	5	11,6%
Família (n=38)	Categoria	n	Porcentagem
Composição	Nuclear	34	79%
	Expandida	9	20,9%
Renda mensal familiar	< 1 Salário-Mínimo	19	44,1%

	1 a 2 Salários-Mínimos	16	37,2%
Benefício social	Bolsa família	40	92,1%
Genitores		Mães	Pais
Idade atual	Média (DP)	29,3 (6,5)	33,3 (7,1)
Escolaridade	Ens. Fundamental Incompleto	13,9%	32,5%
	Ens. Médio Completo	58,1%	23,2%
	Sem dados		~11%
Religião	Evangélica	65,1%	58,1%
	Católica	23,2%	18,6%
	Sem religião	9,3%	25,5%
Idade na 1ª gestação ou 1º filho	14 a 18 anos	32,5%	23,2%
	18 a 22 anos	37,2%	25,5%
	22 a 26 anos	11,6%	32,5%

A composição familiar predominante foi a nuclear (79%), composta por pai, mãe e filho(s), indicando a prevalência de um arranjo familiar tradicional nas comunidades ribeirinhas estudadas. A análise do histórico reprodutivo revelou uma tendência a ter filhos no início da vida adulta: a idade na primeira gestação concentrou-se, para as mães, na faixa de 18 a 22 anos (37,2%), seguida pela faixa de 14 a 18 anos (32,5%), evidenciando a ocorrência significativa de gestações na adolescência. Entre os pais, a paternidade inicial destacou-se na faixa de 22 a 26 anos (32,5%).

Os indicadores de desenvolvimento social revelaram contrastes importantes, especialmente na escolaridade. Houve predominância de Ensino Médio completo entre as mães (58,1%), enquanto entre os pais a categoria mais frequente foi o Ensino Fundamental incompleto (32,5%), apontando para uma vantagem educacional materna. A

vulnerabilidade socioeconômica, contudo, é um traço marcante da amostra: 44,1% das famílias sobrevivem com renda inferior a um salário-mínimo, e outros 37,2% situam-se na faixa entre um e dois salários, totalizando mais de 80% das famílias em situação de baixa renda. Esse cenário é reforçado pela alta prevalência de programas de transferência de renda, uma vez que 92,1% dos participantes afirmaram ser beneficiários do Bolsa Família, enquanto apenas 7,8% não recebem nenhum auxílio governamental.

No aspecto cultural, a religiosidade exerce papel central na organização dessas comunidades. A grande maioria dos participantes declarou serem cristãos, somando-se evangélicos e católicos (88,3% das mães e 74,4% dos pais). A adesão à religião evangélica foi majoritária para ambos os genitores (65,1% das mães e 55,8% dos pais). Em contrapartida, a taxa dos que relataram não ter religião foi significativamente baixa entre as mães (9,3%), embora mais expressiva entre os pais (25,5%). Esses dados ilustram uma população de perfil tradicional, que percebe a religião como suporte social importante.

Em síntese, o perfil traçado evidencia famílias jovens, nucleares e inseridas em um contexto de vulnerabilidade econômica, onde a baixa renda coexiste com níveis desiguais de escolaridade entre os cônjuges. A forte prevalência da religiosidade sugere que as práticas e crenças parentais nessas comunidades são, em grande medida, mediadas por valores tradicionais e redes de apoio religioso, elementos fundamentais para a interpretação das Metas de Socialização e Regulação Emocional discutidas neste estudo.

Instrumentos

Para a caracterização da amostra, utilizou-se o Inventário Sociodemográfico (ISD), elaborado pelo Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento Humano (LED/UFGA) e adaptado pelo projeto guarda-chuva desta pesquisa – Projeto Igarapé. O instrumento foi

aplicado em duas versões: uma para as mães, contendo itens sobre identificação, dados socioeconômicos, moradia, religião, valores, renda, caracterização do casal, rede de apoio e brincar; e uma versão reduzida para os pais, com menos itens. Questões sobre composição familiar e moradia foram excluídas da versão paterna para evitar redundância, dado que se referiam ao mesmo domicílio.

A avaliação da percepção sobre a regulação emocional foi realizada por meio do *Emotion Regulation Checklist* (ERC), desenvolvido por Shields e Cicchetti (1995) e validado no Brasil por Reis et al. (2016). Os itens da ERC são respondidos em uma escala do tipo Likert de quatro pontos, variando de 1 (nunca), 2 (algumas vezes), 3 (muitas vezes) a 4 (quase sempre), em que pontuações mais elevadas indicam maior frequência dos comportamentos descritos. O questionário foi respondido de forma independente pelo pai e pela mãe, possibilitando a obtenção de escores distintos para cada um, tanto no escore total quanto nas subescalas.

O instrumento contém 24 itens e divide-se em duas subescalas. A primeira, Labilidade/Negatividade Emocional (LN), avalia baixa flexibilidade, variação de humor e manifestação de emoções negativas, exemplificada por itens como “Frustra-se facilmente”. A segunda, Regulação Emocional (RE), analisa a autoconsciência e a expressão emocional socialmente apropriada, como nos itens “A criança consegue dizer quando está se sentindo triste, com medo ou raiva” e “É uma criança alegre”. Conforme a validação brasileira, itens específicos tiveram sua pontuação invertida para o cálculo dos escores.

Para aferir as crenças parentais, utilizou-se a Escala de Metas de Socialização (MÊS) proposta por Keller et al. (2006) e adaptada pelo Núcleo de Pesquisa Interação Social e Desenvolvimento da UERJ. O instrumento é uma escala Likert de cinco pontos

(variando de Discordo completamente a Concordo completamente), composta por 10 itens distribuídos em duas dimensões. A subescala de Autonomia inclui metas como desenvolver a independência e a autoestima, enquanto a subescala de Interdependência abrange metas como aprender a obedecer aos pais e controlar emoções. A análise baseou-se nas médias dos escores de cada dimensão.

Procedimento

O recrutamento envolveu contato inicial com lideranças comunitárias da Ilha do Combu e visitas à Unidade Básica de Saúde (UBS) local, que forneceu o contato de famílias elegíveis. O convite aos participantes foi realizado via telefone, aplicativos de mensagens ou presencialmente, por indicação de outros moradores. Antes do início da coleta, a equipe de pesquisadores passou por um treinamento para a aplicação padronizada dos instrumentos. O objetivo foi garantir a uniformidade nos procedimentos e a fidedignidade dos dados coletados. Esse preparo prévio buscou minimizar possíveis erros de aplicação e assegurar o rigor metodológico necessário para a pesquisa.

A coleta de dados ocorreu nas residências das famílias. Uma equipe de três pesquisadores deslocava-se do Campus Guamá da UFPA até as ilhas via transporte fluvial. Ao chegar ao local, após breve interação para estabelecimento de vínculo, realizava-se a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Entrevistamos pais e mães em ambientes separados para garantir a privacidade e evitar interferências mútuas; ambos responderam aos instrumentos assistidos por dois pesquisadores. O terceiro pesquisador era responsável pelos cuidados com as crianças para evitar interrupções. A aplicação seguiu a ordem: Inventário Sociodemográfico, Escala de Metas de Socialização e *Emotion Regulation Checklist* (ERC).

Procedimento de Análise dos Dados

A análise dos dados iniciou-se pela verificação da consistência interna dos instrumentos por meio do coeficiente alfa de Cronbach (α), calculado separadamente para as respostas de mães e pais. Posteriormente, a análise descritiva caracterizou as variáveis por meio de medidas de tendência central (média) e dispersão (desvio padrão), além de frequências absolutas. A visualização dos dados comparativos entre os informantes foi apoiada por gráficos de colunas empilhadas, organizados pelas dimensões dos instrumentos (Regulação Emocional, Labilidade/Negatividade, Autonomia e Interdependência).

Para a estatística inferencial, verificou-se primeiramente a normalidade da distribuição das variáveis. Confirmado o atendimento aos pressupostos paramétricos, utilizou-se o teste t de Student para amostras pareadas na comparação das médias entre os genitores com relação à percepção da regulação emocional dos filhos. O nível de significância adotado foi de 5% ($p \leq 0.05$). De forma complementar, calculou-se o tamanho de efeito (d de Cohen) para mensurar a magnitude das diferenças observadas, seguindo os critérios de interpretação de Cohen (1988): 0,20 (pequeno), 0,50 (médio) e 0,80 (grande).

Por fim, foram conduzidas análises de regressão múltipla para investigar preditores da regulação emocional infantil. Os modelos consideraram como variáveis dependentes os escores do ERC (total e subescalas). No primeiro bloco, inseriram-se como preditores as Metas de Socialização (Autonomia e Interdependência). No segundo bloco, foram adicionadas variáveis sociodemográficas (gênero e idade da criança; idade, escolaridade e religião dos pais; composição familiar; renda e comunidade) para examinar o poder explicativo dessas características sobre as dimensões avaliadas.

Procedimentos Éticos

A presente pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Núcleo de Medicina Tropical da Universidade Federal do Pará (CEP/NMT-UFPA), sob o Parecer n.º 6.546.944. O estudo respeitou as diretrizes da Resolução n.º 466/2012 e da Resolução n.º 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamentam a pesquisa envolvendo seres humanos nas Ciências Humanas e Sociais.

A formalização da participação ocorreu mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos pais das crianças. Antes da assinatura, os participantes receberam explicações detalhadas sobre os objetivos do estudo, a natureza voluntária da colaboração e a garantia de anonimato e sigilo das informações coletadas. Ficou assegurado o direito de recusa ou desistência a qualquer momento da pesquisa, sem qualquer tipo de prejuízo ou penalidade.

Durante a coleta de dados, adotaram-se precauções para preservar a dignidade e o bem-estar dos participantes. A pesquisadora manteve-se disponível para oferecer suporte ou encaminhamento após a coleta, caso necessário. Os dados e os termos assinados permanecem armazenados sob responsabilidade da pesquisadora, em local seguro e de acesso restrito, pelo período de cinco anos, conforme preconiza a legislação vigente, sendo posteriormente destruídos ou anonimizados definitivamente para uso em bancos de dados secundários.

Resultados

Análises descritivas e de Confiabilidade Interna do ERC e MES

Este capítulo apresenta os principais resultados da pesquisa. A estrutura segue quatro etapas: (1) as análises de confiabilidade interna dos instrumentos; (2) as análises comparativas entre pais e mães; (3) o teste da hipótese central; e (4) as análises preditivas exploratórias dos fatores sociodemográficos.

Para a Escala de Regulação Emocional (ERC), seguiu-se a recomendação de Reis et al. (2016), realizando a inversão dos itens 2, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 22 e 24. Após a codificação, a análise psicométrica indicou a necessidade de exclusão de determinados itens para assegurar a fidedignidade do instrumento nesta amostra. No escore total e subescalas, foram identificados itens com correlação item-total insatisfatória ou ambiguidade interpretativa. Especificamente, foram excluídos: o item 23 (Mostra emoções negativas apropriadas em resposta a atos hostis, agressivos ou intrometidos dos pares) e o item 17 (É excessivamente empolgada ao tentar envolver outros na brincadeira.). Todas as exclusões foram feitas igualmente para pais e mães.

Na subescala de Regulação Emocional, foram removidos os itens 4, 5, 15 e 21; e na subescala de Labilidade/Negatividade Emocional, o item 24. Essas exclusões basearam-se no impacto negativo desses itens sobre o alfa de Cronbach e na literatura psicométrica

(Field, 2018), resultando em uma estrutura mais consistente para as análises subsequentes. As estatísticas descritivas (médias, desvios padrão) e as análises de consistência interna (Alfa de Cronbach) dos instrumentos são apresentadas nas Tabelas 2 e 3.

Tabela 2

Estatísticas Descritivas e Confiabilidade (Alfa de Cronbach) do ERC para Pais e Mães

Questionário	Nº Itens	Média (DP)	α de Cronbach
Pai			
ERC Geral	22	2,87 (1,06)	0,64
Regulação Emocional	6	3,17 (1,01)	0,52
Negatividade Emocional	12	2,53 (1,03)	0,63
Mãe			
ERC Geral	22	2,88 (1,09)	0,64
Regulação Emocional	6	3,11 (1,09)	0,60
Negatividade Emocional	12	2,56 (1,10)	0,63

A análise do ERC apresentou os seguintes valores de Alfa: para o ERC Geral, $\alpha = 0,64$ (pais) e $\alpha = 0,64$ (mães); para a subescala Regulação Emocional, $\alpha = 0,52$ (pais) e $\alpha = 0,60$ (mães); e para a subescala Negatividade Emocional, $\alpha = 0,63$ para ambos os grupos.

A análise da escala de Metas de Socialização apresentou os seguintes valores: para o escore total, $\alpha = 0,60$ (pais) e $\alpha = 0,67$ (mães); para a subescala Autonomia, $\alpha = 0,56$ (pais) e $\alpha = 0,52$ (mães); e para a subescala Interdependência, $\alpha = 0,51$ (pais) e $\alpha = 0,55$ (mães).

Tabela 3

Estatísticas Descritivas e Confiabilidade (Alfa de Cronbach) de Metas de Socialização para Pais e Mães

Questionário	Nº Itens	Média (DP)	α de Cronbach
Pai			
Metas de Socialização	10	3,51 (1,50)	0,60
Autonomia	5	3,11 (1,47)	0,56
Interdependência	5	3,92 (1,42)	0,51
Mãe			
Metas de Socialização	10	3,47 (1,38)	0,67
Autonomia	5	3,20 (1,44)	0,52
Interdependência	5	3,74 (1,25)	0,55

Percepção Parental da Regulação Emocional

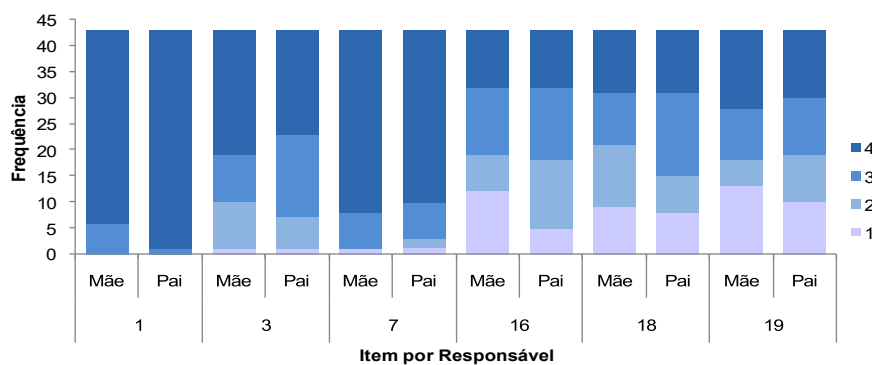
A análise a seguir, considerou os relatos de pais e mães referentes a 43 crianças. Para verificar divergências entre os cuidadores, utilizou-se o teste t para amostras dependentes. Considerando o Escore Geral e os escores das subescalas (Regulação Emocional e Labilidade/Negatividade Emocional), não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as percepções de pais e mães, como é possível observar na Tabela 4.

Tabela 4*Comparação (teste t) das Médias do ERC entre Pais e Mães*

Questionário	Média Pai	Média Mãe	t	p	IC 95%	Cohen's d
Score Médio	2,88	2,87	0,15	0,44	[-0,11; 0,13]	0,02
Regulação Emocional	3,11	3,17	-0,87	0,19	[-0,20; 0,08]	-0,11
Negatividade Emocional	2,56	2,53	0,38	0,35	[-0,15; 0,22]	0,06

Nota. $p \leq 0,05$

Os resultados indicam concordância entre os pais e as mães tanto no Escore Total do ERC ($t = 0,15$; $p = 0,44$) quanto nas subescalas de Regulação Emocional ($t = -0,87$; $p = 0,19$) e de Labilidade/Negatividade Emocional ($t = 0,38$; $p = 0,35$). Os dados indicam que pais e mães percebem a competência emocional dos filhos de maneira similar. As frequências absolutas das respostas para cada item são apresentadas visualmente na Figura 4 abaixo.

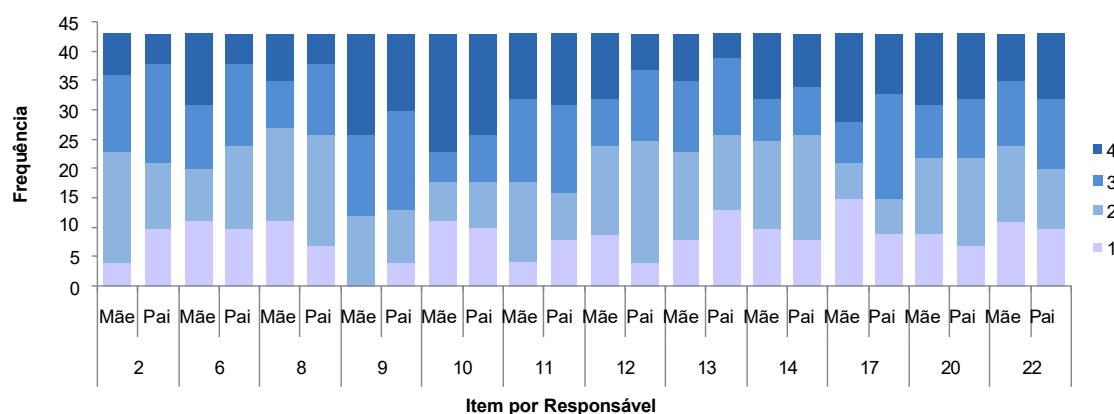
Figura 4*Frequência dos itens referentes a subescala de Regulação Emocional (RE)*

Nota. Frequências absolutas baseadas nos relatos de pais e mães. Escala Likert de 4 pontos: 1 = Nunca; 2 = Algumas vezes; 3 = Muitas vezes; 4 = Quase sempre.

Considerando que não foram identificadas divergências significativas nos escores globais do ERC ou em suas subescalas, realizou-se uma análise comparativa entre os itens do inventário, para detectar possíveis nuances nas percepções de pais e mães. Na dimensão de Regulação Emocional, o Item 1 “É uma criança alegre” apresentou diferença estatística significativa ($p = 0,02$). Embora ambos os grupos tenham pontuado alto, indicando uma percepção positiva predominante dos pais, que apresentaram uma média ligeiramente superior ($M = 3,98$) em comparação às mães ($M = 3,86$). A maioria das respostas dos pais ($n = 42$) concentrou-se na opção “quase sempre”, enquanto as mães demonstraram maior variação em suas respostas.

Figura 5

Frequência dos itens referentes a subescala de Labilidade/Negatividade Emocional (LN)



Nota. Frequências absolutas baseadas nos relatos de pais e mães. Escala Likert de 4 pontos: 1 = Nunca; 2 = Algumas vezes; 3 = Muitas vezes; 4 = Quase sempre

Na dimensão de Labilidade/Negatividade, embora sem diferença estatística na subescala, observaram-se variações nas médias de alguns itens. A análise do Item 2

“Apresenta grande variação de humor”, observou-se uma distinção na distribuição das respostas, apesar da proximidade nas médias (Mãe: $M = 2,53$; $DP = 0,88$; Pai: $M = 2,40$; $DP = 0,98$).

Para esse item, a distribuição das respostas entre os grupos revelou diferenças importantes na forma como cada genitor observa a criança. Enquanto as mães apresentaram uma percepção mais centralizada, concentrando seus relatos nas categorias intermediárias “algumas vezes” ($n=19$) e “muitas vezes” ($n=13$), os pais mostraram uma avaliação mais dispersa. Embora a resposta mais comum entre eles tenha sido “muitas vezes” ($n=17$), um grupo expressivo ($n=10$) afirmou que esse comportamento “nunca” ocorre, o que reduziu a média final desse grupo. Esse padrão sugere que, para as mães, a instabilidade de humor é interpretada como um traço relativamente constante no cotidiano da criança. Já para os pais, essa característica tende a ser percebida de forma mais extrema, ou o comportamento se manifesta com frequência ou não é notado.

Outro ponto de destaque foi o Item 13 (“propensa a explosões inadequadas de animação e entusiasmo”), que apresentou uma tendência à significância estatística ($t = -1,49$; $p = 0,07$). As mães relataram uma média superior ($M = 2,47$) à dos pais ($M = 2,19$), com um tamanho de efeito ($d = -0,28$) que indica uma divergência relevante entre os cuidadores. Essa tendência sugere que as mães possuem uma sensibilidade maior a manifestações de euforia que são percebidas como inadequadas, interpretando o entusiasmo excessivo como um indício de desregulação emocional. Em contrapartida, os pais parecem naturalizar esses comportamentos ou percebê-los com menor intensidade, demonstrando maior tolerância a esse padrão de comportamento dos filhos.

Percepção Parental das Metas de Socialização

Quanto às Metas de Socialização, a análise estatística revelou, um alinhamento entre os cuidadores quanto as expectativas acerca do desenvolvimento de seus filhos. A ausência de diferenças significativas nos Escores Totais ($t = 0,30$; $p = 0,37$), nas subescalas de Interdependência ($t = 1,09$; $p = 1,40$) e Autonomia ($t = -0,51$; $p = 0,30$) indica que pais e mães compartilham percepções comuns sobre o que esperam do crescimento de seus filhos, sugerindo coesão nas crenças parentais dentro dessas famílias.

Tabela 5

Comparação (teste t) das Médias do Questionário Metas de Socialização entre Pais e Mães

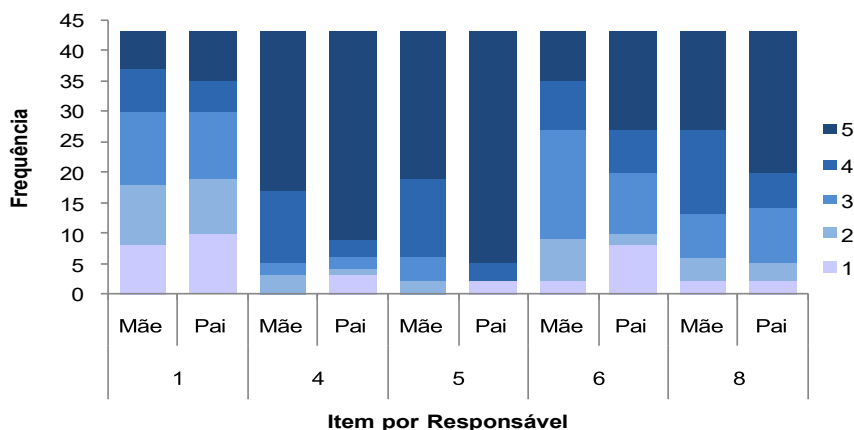
Questionário	Média	Média	t	p	IC 95%	Cohen's d
	Pai	Mãe				
Score Médio	3,51	3,47	0,31	0,37	[-0,24; 0,33]	0,02
Interdependência	3,92	3,74	1,09	0,14	[-0,15; 0,50]	0,13
Autonomia	3,11	3,20	-0,51	0,30	[-0,44; 0,26]	-0,06

Nota. $p \leq 0,05$

Apesar dessa concordância estatística nos domínios gerais, a análise das médias aponta para uma distinção nas prioridades educativas (Tabela 5). Observa-se uma tendência dos pais em priorizar a Interdependência ($M_{\text{pai}} = 3,92$; $M_{\text{mãe}} = 3,74$), enquanto as mães inclinam-se levemente para a Autonomia ($M_{\text{mãe}} = 3,20$; $M_{\text{pai}} = 3,11$). Embora não estatisticamente significativos, esses dados sugerem uma diferenciação sutil nos papéis parentais: a figura paterna parece estar mais voltada para o respeito às normas coletivas, enquanto a materna tende a valorizar atributos de independência da criança. Na Figura 3 e 4 abaixo podemos observar a frequência dos itens relatadas pelas mães e pelos pais referentes às duas subescalas.

Figura 6

Frequência dos itens referentes a subescala de Interdependência



Nota. Frequências absolutas baseadas nos relatos de pais e mães. Escala Likert de 5 pontos:

1 = Nem um pouco; 2 = Pouco; 3 = Moderadamente; 4 = Bastante; Completamente

Para identificar se essas percepções divergiam em comportamentos específicos, realizou-se uma análise estatística comparando individualmente os itens das subescalas entre pais e mães. Essa orientação paterna para valores de respeito e hierarquia materializou-se estatisticamente no Item 5 “aprender a obedecer a pessoas mais velhas”, conforme destacado na Figura 3. A diferença significativa encontrada ($p = 0,01$) revela que, para os pais, a obediência aos mais velhos não é apenas desejável, mas fundamental. A intensidade dessa crença é evidenciada pela distribuição das respostas: enquanto 24 mães marcaram a opção máxima (concordo completamente), 38 pais fizeram essa escolha, demonstrando uma exigência paterna mais rígida quanto ao cumprimento de normas sociais e respeito à autoridade.

Uma tendência similar foi observada no Item 4 (“aprender a obedecer a seus pais”), com médias de 4,49 para pais e 4,42 para mães. Neste item, 31 pais marcaram a pontuação

máxima, em comparação a 24 mães. Em ambos os casos, as respostas maternas apresentaram maior variabilidade, reforçando que o consenso sobre a obediência estrita parece ser mais forte entre os pais do que entre as mães.

Associação entre Metas de Socialização e Regulação Emocional

Inicialmente, buscou-se identificar preditores considerando os escores totais e as subescalas de Autonomia e Interdependência como variáveis independentes. No entanto, a significância estatística na predição da Regulação Emocional não foi observada para nenhum dos respondentes. Esse resultado sugere que as metas de socialização dos pais não explicam a percepção parental sobre a regulação emocional dos filhos. Diante da ausência de preditores significativos nos escores totais e nas subescalas, a análise prosseguiu utilizando os itens específicos das metas de socialização como variáveis preditoras, o que pode ser observado na Tabela 6.

Tabela 6

Modelo final da Regressão Múltipla para subescala de Regulação Emocional, respondida pelas mães em relação às variáveis preditoras (Itens do questionário de Metas de Socialização)

Índices Globais do Modelo			
R₂	R₂ ajustado	F	p-valor do F
0.20	0.14	3.45	0.02
Regressão Múltipla			
Parâmetro	Coefficiente (b)	Valor t	p-valor
Item 3 – Mãe (Desenvolver autoconfiança” - Autonomia)	-0.16	-2.60	0.01
Item 5 – Pai	0.24	2.43	0.01

(Obedecer a pessoas mais velhas-Interdependência)			
Item 6 – Pai			
(Aprender a cuidar do bem-estar dos outros-Interdependência)	-0.06	-1.21	0.23
Nota. $p < 0,05$			

Conforme indicado na Tabela 6, para as mães, o modelo final de regressão mostrou-se estatisticamente significativo, com as Metas de socialização explicando 20% a percepção da Regulação Emocional com ($R^2 = 0,20$; R^2 ajustado = $0,14$; $F = 3,45$; $p = 0,02$). A análise revelou que a percepção da mãe sobre a regulação emocional do filho é influenciada por uma combinação de suas próprias metas e das expectativas do pai. Observou-se que a valorização materna da autoconfiança (Item 3) prediz negativamente sua percepção sobre a regulação da criança ($b = -0,16$; $p = 0,01$). Em contrapartida, a ênfase do pai na obediência aos mais velhos (Item 5) exerce uma influência positiva nessa avaliação materna ($b = 0,24$; $p = 0,01$). Esses resultados sugerem que, quanto mais o pai prioriza a obediência, a mãe tende a enxergar o filho como emocionalmente mais regulado. Por outro lado, o incentivo materno ao desenvolvimento da autoconfiança na criança, parece estar associado a uma percepção de menor regulação emocional.

Tabela 7

Modelo final da Regressão Múltipla para subescala de Labilidade/Negatividade Emocional, respondida pelas mães em relação às variáveis preditoras (Itens do questionário de Metas de Socialização).

Índices Globais do

R ₂	R ₂ ajustado	F	p-valor do F
0.34	0.29	6.87	<0.01

Regressão Múltipla

Parâmetro	Coefficiente (b)	Valor t	p-valor
Item 2 – Mãe (Desenvolver independência-Autonomia)	-0.13	-2.83	<0.01
Item 8 – Mãe (Animar os outros-Interdependência)	0.10	2.22	0.03
Item 10 – Pai (Desenvolver um senso de identidade-Autonomia)	0.11	2.78	<0.01

Nota. p < 0,05

O modelo final foi ainda mais robusto, explicando 34% da Labilidade/Negatividade Emocional, a partir dos itens de Metas de Socialização ($R_2 = 0,34$; R_2 ajustado = 0,29; $F = 6,87$; $p = 0,001$). A valorização materna do Item 2 “desenvolver independência” (Tabela 7) surgiu como um fator importante ($b = -0,13$; $p = 0,007$), indicando que mães que valorizam a independência, tendem a perceber menor instabilidade emocional em seus filhos. Em contrapartida, a valorização materna do Item 8 “animar os outros” ($b = 0,10$; $p = 0,03$) e a paterna do Item 10 “desenvolver um senso de identidade” ($b = 0,11$; $p = 0,008$) apresentaram coeficientes positivos. Esses resultados indicam que metas de socialização voltadas para a responsividade social e para a construção da identidade podem sensibilizar a mãe para a percepção de labilidade e negatividade emocional.

Tabela 8

Modelo final da Regressão Múltipla para subescala de Regulação Emocional, respondida pelos pais em relação às variáveis preditoras (Itens do questionário de Metas de Socialização).

Índices Globais do Modelo			
R ₂	R ₂ ajustado	F	p-valor do F
0.24	0.18	4.26	0.01
Regressão Múltipla			
Parâmetro	Coefficiente (b)	Valor t	p-valor
Item 2 – Mãe (Desenvolver independência- Autonomia)	0.05	1.26	0.21
Item 3 – Pai (Desenvolver autoconfiança- Autonomia)	-0.06	-1.36	0.17
Item 4 – Pai (Obedecer a seus pais- Interdependência)	0.17	3.16	<0.01
Nota. p < 0,05			

Na subescala de Regulação Emocional (Tabela 8), o Item 4 “obedecer a seus pais” destacou-se como preditor independente e positivo ($b = 0,17$; $p = 0,003$). Esse dado revela que a avaliação do pai sobre a regulação emocional do filho está atrelada ao cumprimento de normas e à obediência, ou seja, a criança que obedece é percebida como emocionalmente mais regulada. Diferentemente das mães, não foi encontrado um modelo explicativo significativo para a percepção paterna de Labilidade/Negatividade Emocional ($p = 0,23$), sugerindo que as Metas de Socialização avaliadas não explicaram como os pais percebem os comportamentos desregulados de seus filhos.

Discussão

Os objetivos deste estudo foram comparar as percepções de pais e mães residentes em comunidades ribeirinhas da Amazônia sobre a regulação emocional de seus filhos entre 3 e 5 anos e investigar como as metas de socialização do pai e da mãe influenciam essa visão. Os resultados revelam uma concordância geral entre os cuidadores tanto na avaliação da regulação emocional de seus filhos quanto nas metas de socialização parental. De forma predominante, os pais e mães ribeirinhos percebem as crianças como reguladas emocionalmente. No entanto, enquanto a visão paterna é mais influenciada pela alegria observada em contextos de lazer e brincadeira - evidenciada pela média significativamente superior dos pais no item “É uma criança alegre” (Item 1) - a sensibilidade materna está

mais voltada para a labilidade/negatividade emocional. Isso é notado na tendência das mães em reportar mais “Explosões inadequadas de entusiasmo” (Item 13), refletindo seu papel no manejo das crises do cotidiano.

No que diz respeito às metas de socialização, a pesquisa identifica a prevalência do modelo de *self* Autônomo-Relacionado, onde a busca pela autonomia da criança, principalmente na visão materna, e a preservação da interdependência, na visão paterna, coexistem de forma complementar. Dentro dessa estrutura, os pais destacam-se por uma exigência maior quanto à obediência aos mais velhos e ao respeito à hierarquia. Esse achado apresentou diferença significativa na comparação entre os genitores na meta "Aprender a obedecer a pessoas mais velhas" (Item 5), posicionando a figura paterna como figura importante na valorização da hierarquia dentro das comunidades.

A associação entre as metas de socialização e a regulação emocional evidenciou que o entendimento dos pais em relação ao comportamento infantil dos filhos está atrelado a expectativas de gênero distintas. As análises de regressão indicam que, para o pai ribeirinho, a percepção de uma criança regulada está diretamente vinculada à sua capacidade de obedecer e seguir normas sociais. Isso é sustentado pelo fato de a meta "Aprender a obedecer aos pais" (Item 4) ter sido um preditor positivo e significativo tanto para o escore geral de regulação quanto para a subescala de regulação emocional. Já para a mãe, a meta "Desenvolver independência" (Item 2) apresentou uma associação negativa com a labilidade/negatividade emocional, dessa forma, quanto mais a mãe incentiva a independência, menos ela nota instabilidade emocional no filho.

Em resumo, embora pais e mães compartilhem a mesma visão sobre a regulação emocional dos filhos, eles enxergam isso de maneiras diferentes. Para o pai, uma criança

bem regulada é aquela que obedece e segue as regras estabelecidas. Já para a mãe, incentivar a independência da criança é o que ajuda a diminuir a percepção de oscilações emocionais no dia a dia.

Contexto do estudo

Realizado no contexto das ilhas ao redor de Belém, o estudo revelou um cenário de vulnerabilidade socioeconômica com escassez de recursos financeiros, em que a maioria das famílias (81,4%) sobrevivem com até dois salários-mínimos. Essa situação impõe limites ao cotidiano e exige que o cuidado infantil ocorra sob algumas restrições.

A amostra ribeirinha dessas ilhas, caracteriza-se por famílias jovens, majoritariamente organizadas em estruturas nucleares (79,07%), que encontram na coesão comunitária e na religiosidade pilares centrais de suporte e organização da rotina. A fé, especialmente a evangélica, manifesta-se como uma força que orienta as crenças de ambos os genitores, moldando as expectativas morais e sociais das famílias.

Essas particularidades parecem reforçar a crítica de Henrich et al. (2010) sobre a predominância de amostras *WEIRD* (Ocidentais, Educadas, Industrializadas, Ricas e Democráticas) na psicologia. Ao investigarmos famílias que divergem desse padrão por residirem em contextos não industrializados e sob condições de vulnerabilidade socioeconômica, os dados sugerem que os modelos de desenvolvimento urbanos podem não ser universais. A realidade observada nas ilhas indica que o desenvolvimento socioemocional é perpassado por pressões ambientais e de subsistência que podem exigir estratégias de socialização específicas, sinalizando que os padrões definidos pela literatura clássica sobre os fenômenos psicológicos representam apenas uma das possíveis formas de adaptação humana.

As trajetórias de vida e os perfis educacionais evidenciam ainda disparidades de gênero que definem os papéis de cada cuidador dentro dessa realidade. Enquanto as mães frequentemente alcançam níveis de escolaridade superiores aos dos parceiros, com 58,14% completando o ensino médio, suas histórias são marcadas pela maternidade precoce, ocorrendo majoritariamente entre os 14 e 22 anos, o que estabelece o cuidado com o filho como um evento significativo na transição para a vida adulta. Em contrapartida, os pais tendem a apresentar uma escolaridade menor, concentrada no ensino fundamental incompleto e iniciam a paternidade um pouco mais tarde do que as mães.

Sob a perspectiva da Bioecologia do Desenvolvimento Humano, o contexto das comunidades ribeirinhas estudadas reflete um Macrossistema com características estruturais marcantes. A vulnerabilidade econômica, funciona como um modelo social que impõe restrições concretas ao cotidiano e define a ecologia onde o desenvolvimento emocional infantil ocorre. Nesse cenário, a forte religiosidade e a coesão comunitária atuam como componentes vitais do Exossistema. Essas redes de apoio e instituições religiosas fornecem suporte na rotina dos pais, reduzindo o estresse familiar e influenciando indiretamente o ambiente de cuidado da criança.

Além das pressões ambientais, as características de recurso dos cuidadores são determinantes para a qualidade dos processos proximais. Embora a maternidade precoce possa indicar imaturidade, a escolaridade superior das mães em relação aos pais, representa um recurso cognitivo relevante. Essa disparidade educacional sugere que as mães possuem maior potencial de mobilizar conhecimentos e habilidades para mediar as interações com os filhos (Bronfenbrenner, 2011; Rosa e Tudge, 2013).

O modelo bioecológico ressalta que o desenvolvimento não é determinado apenas por vulnerabilidades, mas também pelo poder dos processos proximais como fator protetivo às fragilidades que possam compor aquele ambiente. Interações marcadas pela responsividade e consistência podem reduzir os impactos da escassez de recursos, funcionando como um suporte em contextos desfavorecidos. Nesse sentido, o monitoramento parental, definido como conhecimento sobre a rotina e vida do filho, assim como a manutenção de uma estrutura estável surgem como fatores de proteção, mesmo em lares com menor escolaridade dos cuidadores, por exemplo (Bronfenbrenner, 2011; Rosa e Tudge, 2013).

Além disso, as características de força dos cuidadores, podem superar a limitação de recursos financeiros e educacionais. Motivações internas, como persistência, afeto e a disposição para interagir, são características geradoras de desenvolvimento que permitem interações de qualidade, independentemente da classe social. Bronfenbrenner (2011) enfatiza que o desenvolvimento humano demanda que alguém tenha um apego emocional forte pela criança, o que impulsiona cuidadores em contextos desfavoráveis a manterem estímulos constantes.

Para que o cuidador sustente o engajamento necessário nesse contexto, o suporte de um terceiro envolvido, que pode ser um dos pais, vizinho ou parente, é fundamental para estabilizar o sistema familiar. Na visão da Bioecologia, o desenvolvimento ocorre primariamente em díades, mas a tríade é fundamental para fornecer um suporte que garante o bom funcionamento da dupla (Bronfenbrenner, 2011). Portanto, a vulnerabilidade socioeconômica pode tornar o percurso mais difícil, mas o cuidado e as interações recíprocas dos pais ribeirinhos podem garantir a promoção de competências importantes para os filhos

Por fim, o desenvolvimento emocional das crianças nas comunidades das ilhas estudadas, surge da interação entre as pressões do Macrossistema e a resistência da promoção de processos proximais. Se por um lado a escassez de recursos financeiros e a maternidade precoce impõem desafios, por outro, o monitoramento atento, a coesão comunitária e o apego dos cuidadores funcionam como forças reguladoras do Microsistema. Portanto, os resultados sobre a Regulação Emocional e as Metas de Socialização refletem o contexto dessas famílias.

Regulação Emocional

Ao analisar a percepção da regulação emocional de pais e mães, um dos achados mais notáveis refere-se à concordância entre os cuidadores sobre a capacidade regulatória de seus filhos. Os pais e mães da amostra concordam que eles apresentam habilidades de regulação emocional e baixos sinais de desregulação, manifestados por uma percepção reduzida na frequência da subescala do ERC, Labilidade e negatividade emocional. Esse consenso sugere que a visão sobre o desenvolvimento emocional é compartilhada entre os cuidadores, indo além das perspectivas individuais de cada genitor.

Estudos em contextos não ocidentais destacam que a cultura muitas vezes se sobrepõe a diferenças individuais de percepção entre os cuidadores. Por exemplo, na revisão sistemática de Chen et al. (2024) sobre a eficácia de instrumentos que medem habilidades de autorregulação emocional, os autores destacam que, em comunidades tradicionais, a percepção do comportamento infantil pode ser influenciada pelos aspectos culturais do contexto. Dessa forma, a percepção da criança ribeirinha como regulada ou desregulada pode responder a um sistema de crenças que sejam comuns aquela cultura específica e não necessariamente a perspectiva individual de cada cuidador.

Para aprofundar o entendimento da percepção materna e paterna sobre a regulação emocional dos filhos, alguns itens específicos do instrumento ECR foram analisados e revelaram diferenças sutis entre os cuidadores que as médias dos escores gerais não mostravam. Um exemplo claro é que os pais percebem os filhos como mais alegres do que as mães (Item 1). Como explicação a esse resultado, a literatura sugere que a visão do pai é influenciada por momentos de lazer e brincadeiras, que são, na maioria dos contextos estudados, os principais momentos de interação do pai com seus filhos.

Nessa perspectiva, o estudo longitudinal de McMunn et al. (2017), realizado no Reino Unido com uma amostra de mais de 10.000 famílias fornece evidências estatísticas que ajudam a fundamentar essa percepção paternal diferenciada. Os resultados demonstraram que, com seus filhos de cinco anos de idade, os pais eram significativamente mais propensos do que as mães a se envolverem em jogos físicos (*physical games*) com as crianças, atuando como os principais provocadores de estados de alegria e euforia neles. Essa especialização em brincadeiras como correr, lutar ou jogar a criança para o alto, cria um contexto em que a alegria é a emoção predominante, podendo enviesar a percepção do pai nessa direção.

Complementando essa perspectiva, o estudo de McMunn et al. (2017) reforça que a parentalidade ocorre de forma atrelada a questões de gênero expressas na interação com a criança. De forma geral, as mães realizam significativamente mais atividades de rotina e regulação, como leitura, artes e cuidados diários enquanto o pai participa mais de momentos de lazer. Dessa forma, a mãe gerencia contextos que demandam emoções mais calmas ou neutras, sendo exposta a um espectro emocional mais desafiador, que inclui a frustração e o tédio.

A revisão de Puglisi et al. (2024) reforça essa ideia, ao discutir como o estilo paterno é crucial para o desenvolvimento social e motor da criança. Esse envolvimento, caracterizado por comportamentos como brincadeiras corporais e o encorajamento ao risco, atua como um gatilho de forte ativação emocional nas crianças (Paquette, 2004). Portanto, a maior percepção de alegria relatada pelos pais não decorre apenas de uma preferência subjetiva, mas é um reflexo direto da qualidade de suas interações. Eles percebem essa emoção com mais frequência porque criam ativamente o contexto em que ela mais aparece.

No cenário brasileiro, Cunha et al. (2022) observaram que as habilidades regulatórias dos genitores também influenciam os filhos em áreas distintas, o que altera o tipo de emoções percebidas por cada cuidador no cotidiano. A regulação emocional da mãe é mais exigida em tarefas práticas, como alimentação e higiene. Esses momentos de cuidado diário costumam gerar conflitos, especialmente durante a fase de birras, exigindo que a mãe mantenha o equilíbrio para ensinar o filho a se cuidar sozinho. Estatisticamente, essa influência materna aparece no chamado "domínio adaptativo", que reflete justamente a capacidade da criança de realizar atividades de autocuidado com independência.

Diferente da mãe, o papel do pai aparenta estar mais voltado para o desenvolvimento do raciocínio e da fala. Com base na Teoria da Relação de Ativação (Paquette, 2004), o pai atua estimulando o filho a explorar o mundo e a enfrentar desafios. Ao adotar uma postura menos rígida, ele cria um ambiente que impulsiona a cognição e a linguagem. Assim, enquanto a mãe organiza a rotina e a autonomia básica da criança, o pai assume um papel de estimulador, para que ela aprenda a pensar e a se comunicar melhor, o que explica a correlação encontrada nos domínios cognitivo e comunicativo dentro da pesquisa (Cunha et al., 2022).

O maior envolvimento paterno em momentos de lazer e brincadeiras físicas não deve ser visto como uma simples interação, mas como um processo proximal importante. Bronfenbrenner (2011) define que esses processos são compreendidos como interações recíprocas e progressivamente complexas que efetivam o potencial desenvolvimental da criança. Esse estilo de interação, focado na exploração, atua como uma característica instigadora do desenvolvimento. Ao reforçar comportamentos de movimento, o pai pode funcionar como um agente que impulsiona as reações da criança frente ao ambiente. Assim, a percepção dos pais sobre a alegria dos filhos pode ser interpretada como o reflexo de processos proximais que utilizam o lazer e a brincadeira como estímulo para o desenvolvimento emocional, promovendo a maior percepção do pai com relação à alegria da criança e à sua regulação emocional.

Em contrapartida, as mães demonstraram notar com mais frequência comportamentos associados a labilidade e negatividade emocional, como a percepção de explosões inadequadas de entusiasmo (Item 13) com outras pessoas. Essa sensibilidade parece refletir a realidade do cuidado diário, no qual a mãe lida com demandas que são mais imediatas da criança. Tan e Smith (2019), em pesquisa longitudinal com famílias rurais, destacaram que o relato materno pode ser influenciado pela convivência constante com emoções negativas, tornando a mãe mais sensível às instabilidades emocionais da criança, que o pai pode não notar durante as interações de lazer.

A análise bioecológica sugere que a percepção parental é influenciada pela forma como o ambiente é vivido subjetivamente por cada cuidador (Bronfenbrenner, 2011). A lida direta da mãe com os cuidados básicos da criança e, portanto, com as instabilidades emocionais da criança, reflete uma divisão de papéis no microsistema na qual a mãe assume o gerenciamento das crises e das demandas diárias. Nesse cenário, a percepção

materna representa a realidade fenomenológica da mãe, na qual a sua função exige atenção maior com as emoções negativas do que a do pai, cujo papel está mais voltado ao lazer e à recreação.

Dessa forma, os resultados revelam que o olhar de pais e mães sobre a competência emocional dos filhos é ao mesmo tempo compartilhado e divergente. A tendência dos pais em perceber mais a alegria e das mães em notar mais comportamentos considerados inadequados, reflete como cada um vivencia o cotidiano com a criança. Esse cenário indica que a percepção parental é um fenômeno complexo de ser compreendido, pois está ligada aos valores e expectativas de cada cuidador. Para entender o que fundamenta essas diferentes percepções, analisamos as metas de socialização materna e paterna que orientam as expectativas dos pais em relação aos seus filhos.

Metas de Socialização

Ao analisarmos os valores e expectativas que orientam a parentalidade nessas comunidades, observa-se que as Metas de Socialização de pais e mães revelam um padrão de concordância no qual ambos priorizam metas relacionadas mais à interdependência do que à autonomia. Essa concordância sugere que as expectativas para o desenvolvimento das crianças não são construídas isoladamente, mas emergem de um contexto familiar onde a valorização de vínculos coletivos e da harmonia coletiva é priorizada em detrimento da individualidade do indivíduo.

Essa priorização da interdependência ilustra a etnoteoria parental desses cuidadores (Keller, 2006). Como proposto por Super e Harkness (1986), a psicologia dos cuidadores é um componente vital do nicho de desenvolvimento. Nas ilhas estudadas, as metas de socialização organizam os costumes de cuidado para que a criança atinja a maturidade

social esperada pela comunidade. Assim, o modelo autônomo-relacional de Keller (2006) manifesta-se na busca por um equilíbrio onde o desenvolvimento de competências individuais não exclui o respeito às normas coletivas.

Embora pais e mães se alinhem mais às metas interdependentes, algumas nuances importantes surgiram ao analisar os resultados detalhadamente. A análise detalhada dos itens do questionário de metas de socialização indicou que os pais priorizam mais alguns itens relativos às metas de interdependência, enquanto as mães pontuam mais para itens relacionados às metas de autonomia. Embora estes resultados não sejam estatisticamente significativos, eles sugerem uma diferenciação sutil nas crenças parentais, em que a figura paterna parece estar mais voltada para o respeito às normas coletivas, ao passo que a materna tende a valorizar atributos de independência da criança com maior frequência.

Essa dinâmica reflete-se na análise dos itens individuais do instrumento de metas de socialização, que indica que os pais valorizam significativamente mais a obediência de seus filhos a pessoas mais velhas do que as mães (Item 5; $p = 0,01$). É importante destacar que este foi o único resultado a apresentar significância estatística na comparação entre os cuidadores, sugerindo que o pai tem o foco maior nas relações hierárquicas do que a mãe.

Nesse sentido, a dicotomia encontrada nos dados, dialoga com o modelo de *self* Autônomo-relacionado de Keller (2006), identificado por Mendes e Ramos (2020) como predominante no Brasil, que sugere que autonomia e interdependência coexistem de forma complementar no país. Este modelo também está presente em contexto urbano, como em São Paulo, apontado por De Mendonça et al. (2021) ao investigar se haveria diferença nas metas de socialização de pais e mães em famílias nucleares. Os resultados não mostraram diferenças significativas, revelando que ambos os genitores compartilham o modelo

Autônomo-relacional. Isso significa que ambos valorizam uma combinação entre o desenvolvimento de competências individuais com o respeito à hierarquia, demonstrando que, no Brasil, essas dimensões coexistem nas expectativas de pais e mães.

Contudo, neste mesmo estudo, o papel paterno apresentou maior variabilidade, enquanto as mães apresentaram maior homogeneidade nas respostas dos itens. Os pais divergiram mais entre si, apresentando desde perfis extremamente tradicionais até os mais modernos. Essa realidade reflete que o papel do pai na criação dos filhos é menos rígido e menos definido socialmente do que o da mãe, permitindo maior diversidade de estilos dentro do grupo (De Mendonça et al., 2021). Esse cenário, contraria os achados observados na amostra do presente estudo, uma vez que, tanto mães quanto pais ribeirinhos demonstraram homogeneidade em suas respostas. Diferentemente do contexto urbano da pesquisa paulista, os cuidadores desta amostra exibiram uma concordância geral sobre suas metas, com divergências aparecendo de forma pontual em alguns itens específicos.

Considerando outro estudo com amostra urbana brasileira, Pessoa et al. (2019), corroboram a presença do modelo Autônomo-relacional no país, ao demonstrar que o incentivo à independência e a valorização de autoestima não exclui a obediência como um pilar educativo fundamental. As evidências desse estudo revelam um padrão em que pais que valorizam a autonomia também priorizam metas de interdependência, como o respeito aos mais velhos e a disposição para confortar o próximo. Isso indica que na cultura brasileira, ser autônomo não implica rejeitar a hierarquia familiar e social.

Essa valorização da harmonia familiar e social é característica de contextos coletivistas (interdependentes), como o observado por Chen-Bouck et al. (2019) na China continental. O estudo chinês demonstrou que mães que apresentam metas voltadas ao

coletivismo tendem a combinar estilos parentais autoritários com apoio emocional e o controle necessário para manter a harmonia do grupo. Portanto, a preocupação em manter os laços sociais fortes justifica um monitoramento mais atento dos pais, tornando a obediência uma ferramenta essencial para preservar o grupo unido.

Os achados de Gorla et al. (2024) ampliam essa perspectiva ao demonstrarem que o ponto central do coletivismo reside na coesão e na conexão emocional, indo além da simples obediência às normas. Essa proximidade estimula o afeto parental e funciona como uma barreira contra problemas de comportamento na infância. Ao mesmo tempo, o incentivo à autonomia traz um aspecto relevante, visto que pais que valorizam a independência costumam exercer um monitoramento mais rigoroso sobre os filhos. Essa conduta reflete a necessidade de criar uma base de apoio que dê suporte para a criança explorar o mundo com confiança e segurança.

Para além das tendências gerais de concordância, na amostra deste estudo, também foi encontrada uma orientação paterna para valores de respeito e hierarquia, que se materializou estatisticamente no Item 5, "aprender a obedecer a pessoas mais velhas". A diferença significativa encontrada revela que, para os pais, a obediência aos mais velhos é indispensável. A intensidade dessa crença demonstra uma exigência paterna mais rígida quanto ao cumprimento de normas sociais e respeito à autoridade.

Ao estabelecermos que a obediência é um pilar central mesmo em modelos que buscam a autonomia, a sua exigência não deve ser entendida como autoritarismo ou falta de afeto familiar. Chen-Bouck et al. (2019) argumentam que, em contextos interdependentes, o controle e o afeto coexistem fortemente. Em famílias com esse perfil, o monitoramento e as expectativas de obediência são percebidas como gestos de cuidado e

não como autoritarismo. Levando em conta o respeito à hierarquia, Jiménez-Balam et al. (2023), complementam essa visão, na qual defendem como seguir a ordem social em culturas interdependentes é visto como sinônimo de competência emocional, pois esse modelo ensina a criança a regular seus desejos e emoções em favor da estabilidade do grupo.

Em contextos diferentes, como na Alemanha, uma sociedade tipicamente autônoma, observa-se também uma busca por interdependência. Sieben (2022), aponta que embora pais alemães preparem os filhos para a autonomia desde cedo, eles expressam um forte desejo de proximidade, vendo a parentalidade como um período de intensa conexão afetiva, até que a criança atinja a autonomia. Esse panorama reforça que a busca por conexão e harmonia social, central nas famílias ribeirinhas, é uma força poderosa que atravessa diferentes culturas, mas com as particularidades de cada contexto.

Além disso, ao investigar o cenário amazônico, os achados de Fonseca et al. (2018) reforçam a natureza coletivista da cultura local. A pesquisa foi realizada com mães e crianças residentes em vilas agrícolas do interior do estado do Pará, utilizando questionários de caracterização sociodemográfica e de metas de socialização. O estudo, revelou uma clara predominância de metas de interdependência, visto que as mães priorizam o respeito aos mais velhos e a obediência em detrimento de metas de autonomia, como a independência precoce. Para essas famílias, o ato de ajudar o outro, por exemplo, faz parte de um sistema de respeito e hierarquia. Nesse modelo, a colaboração comunitária é indissociável da obediência aos cuidadores, o que demonstra um forte vínculo estatístico entre essas variáveis.

Contudo, ao confrontar esses dados com os achados desta pesquisa, observam-se diferenças importantes. Ao contrário da rejeição às metas de autonomia relatada por Fonseca et al. (2018), os resultados desta amostra indicam que, embora pais e mães sejam predominantemente interdependentes, as mães apresentam um leve direcionamento para metas de autonomia, em comparação aos pais. Além disso, um diferencial desta investigação é a inclusão da figura paterna, ausente na amostra de Fonseca et al. (2018), o que permitiu identificar que essa sutil valorização de atributos de autonomia na criança parte mais da visão materna, enquanto os pais permanecem mais vinculados às metas de interdependência.

Para além desses achados, outras investigações em áreas de maior isolamento geográfico no Pará revelam nuances importantes sobre as metas de socialização. Enquanto os dados desta pesquisa apontam para a consolidação do modelo autônomo-relacional, investigações em outras áreas revelam a força do modelo interdependente.

Um exemplo reside nas vilas pesqueiro-extrativistas de Bragança, onde Picanço et al. (2025) investigaram a percepção de 34 cuidadores, entre pais e mães, de crianças de até 36 meses. Naquela localidade, observou-se o predomínio de práticas que valorizam a obediência às normas sociais e a harmonia coletiva, com emoções compreendidas como fenômenos sociais. No entanto, as autoras notaram sinais de transição do modelo na forma como os pais percebem o orgulho. Para esses cuidadores, essa emoção possui dois sentidos. O orgulho reforça a interdependência quando nasce do reconhecimento social, como no caso de um elogio recebido de outras pessoas. Por outro lado, ele indica um movimento para a autonomia quando o foco recai sobre as conquistas pessoais e o sucesso individual da criança. Esses achados reforçam que a base relacional permanece como um valor compartilhado na Amazônia, coexistindo com a tendência para a autonomia identificada

nas ilhas de Belém. Esse equilíbrio entre tradição e mudança manifesta-se de diferentes formas variando conforme o contato urbano e as condições socioeconômicas de cada contexto.

A transição para este modelo também encontra suporte no conceito de "automaximização", termo utilizado por Fonseca et al. (2024) em um estudo com 40 mães de contextos rurais agrícolas em Castanhal, cidade do interior do Pará. O termo descreve a busca por independência e autoconfiança no indivíduo, objetivos que correspondem às metas de autonomia discutidas neste trabalho. Observou-se que, nessas comunidades rurais, o aumento do nível de escolaridade materna é uma característica sociodemográfica que leva as mães a priorizarem a autonomia em detrimento de modelos estritamente tradicionais, como o interdependente. De forma semelhante aos resultados encontrados nesta pesquisa, essas famílias exigem da criança tanto a autoconfiança quanto a capacidade de manter vínculos afetivos e a harmonia com o grupo. Assim, a figura materna atua como a principal agente transmissora dessa cultura em transição, equilibrando o incentivo ao desenvolvimento individual com as expectativas de coletividade típicas desses contextos.

Complementando essa ideia, a tese de Priante (2016), com um estudo realizado na Floresta Nacional do Tapajós (Belterra-PA), que incluiu na amostra 44 pais, 53 mães e 50 crianças, residentes de comunidades ribeirinhas, reforça a coexistência de metas opostas. Assim como observado nesta pesquisa e no estudo detalhado no parágrafo anterior, a autora identificou que cerca de metade dos cuidadores valoriza a automaximização (metas de autonomia), incentivando a independência e o sucesso acadêmico dos filhos.

Contudo, Priante (2016) aprofunda essa análise ao demonstrar que essa busca por autonomia, na verdade se relaciona com o desejo dos pais de que seus filhos sejam

independentes para que, no futuro, tenham capacidade de apoiar e cuidar de seus familiares. Esse dado é fundamental para compreender o modelo autônomo-relacional na Amazônia, pois revela que o incentivo ao desenvolvimento individual não rompe com a valorização de coletividade, mas atua como uma estratégia para garantir a manutenção da rede de apoio mútua típica desses contextos.

Essa preservação dos valores coletivos manifesta-se por meio do respeito às normas e à hierarquia familiar. Nesse sentido, a valorização da obediência, identificada como pilar central para os pais desta amostra, não deve ser interpretada como um traço de autoritarismo isolado, mas como uma ferramenta de socialização voltada para a convivência.

No distrito de Apeú, uma vila rural de baixa densidade populacional, Fonseca et al. (2017) estudaram 39 díades mãe-filho com crianças de 18 a 30 meses. Os autores verificaram que mães voltadas para a interdependência têm filhos que realizam com mais sucesso os comportamentos solicitados. Esses comportamentos são tarefas de ajuda ou cooperação feitas logo após o pedido da cuidadora, o que define a obediência. Nesta pesquisa, ao incluirmos a percepção direta dos pais - ausente no estudo de Apeú - observamos que eles também priorizam o respeito aos mais velhos. Esse foco na obediência funciona como uma estratégia para integrar a criança às normas morais da comunidade. Portanto, seguir instruções não é um ato de submissão, mas um sinal de competência social e de regulação que garante a harmonia do grupo.

Portanto, as evidências apresentadas reforçam que a parentalidade nas comunidades ribeirinhas é caracterizada por um modelo Autônomo-relacional. Além disso, embora pais e mães compartilhem um padrão de concordância nas respostas, ao priorizarem metas de

interdependência, ambos apresentam diferenças sutis evidenciadas nas análises de itens. Os pais mantêm um foco mais rígido na hierarquia e na obediência aos mais velhos, enquanto as mães sinalizam uma abertura maior para atributos de autonomia em comparação ao grupo paterno. Uma vez compreendidas as crenças que orientam esses cuidadores, é relevante investigar como essas metas parentais influenciam a forma como eles percebem a regulação emocional dos filhos.

Associação entre Metas de Socialização e Regulação Emocional

Ao investigar como as crenças parentais influenciam a percepção sobre a regulação emocional dos seus filhos, os dados indicam que o entendimento da regulação emocional nesta amostra parece estar situado em expectativas distintas que pais e mães depositam sobre seus filhos. Para o pai ribeirinho, a percepção do filho emocionalmente regulado aparece vinculada à capacidade da criança de seguir normas e respeitar a hierarquia, especialmente em relação à meta de "Obedecer a seus pais" (Item 4). Por outro lado, o olhar materno revela-se mais diversificado ao indicar que, enquanto o incentivo para a criança - "Desenvolver independência" (Item 2) - favorece uma visão de maior regulação emocional, o foco em metas voltadas para "Desenvolver autoconfiança" (Item 3) e "Aprender a animar os outros" (Item 8) tende a sensibilizar mais a mãe para notar as oscilações e variações no humor do filho.

Os dados indicam também que o fenômeno perceptivo da mãe não ocorre de forma isolada, uma vez que metas valorizadas pelo pai atuam como preditores importantes para a visão materna. Nesse sentido, a ênfase do pai na meta de "Obedecer a pessoas mais velhas" (Item 5) contribui para que a mãe perceba o filho como mais regulado emocionalmente. Em contrapartida, a valorização paterna do item "Desenvolver um senso de identidade" (Item 10) correlaciona-se à percepção materna de labilidade e negatividade na criança. Essa

integração sugere que, a percepção das emoções infantis é atravessada por uma dinâmica de complementaridade entre pais e mães, na qual as expectativas de um genitor influenciam a compreensão do outro.

Os dados indicam também que o fenômeno perceptivo da mãe não ocorre de forma isolada, uma vez que a ênfase do pai à obediência também atua como um preditor importante para que a mãe perceba o filho como mais regulado emocionalmente. Essa integração sugere que, no contexto estudado, a regulação emocional também pode ser compreendida através de uma dinâmica de complementaridade entre pais e mães.

Contudo, embora esses cuidadores compartilhem a interdependência como valor central, as divergências nas percepções de itens específicos, sugerem que a socialização de gênero atua como um filtro na percepção do comportamento infantil. Esse processo refere-se à maneira como os cuidadores transmitem, de forma intencional ou não, expectativas e atitudes associadas ao gênero da criança. Por exemplo, comportamentos negativos - associados a labilidade e negatividade emocional - por parte de meninos é frequentemente atribuído a características inatas, enquanto em meninas os mesmos atos são vistos como situacionais e precisam de correção. Como resultado, os pais tendem a restringir e supervisionar mais as meninas, visando protegê-las, ao passo que permitem maior autonomia aos meninos por considerarem esse tipo de comportamento como algo natural (Endendijk et al., 2018; Portengen et al., 2023).

Essas expectativas diferentes entre meninos e meninas tornam-se evidentes quando analisamos as metas de socialização que os pais mais valorizam. As análises de regressão mostraram que para os pais, o Item 4 (Obedecer a seus pais) foi o preditor central da percepção paterna da regulação emocional dos filhos. Esse achado encontra paralelo em

Malin et al. (2014), que demonstram como em famílias de baixo nível socioeconômico, o uso de comandos diretos funciona como uma linguagem regulatória fundamental. Longe de ser um comportamento autoritário, essa estratégia serve para que a criança aprenda a internalizar o controle externo e passe a regular suas emoções através da linguagem.

Nesse sentido, essa valorização da obediência se destaca na literatura sobre a paternidade no Brasil, que posiciona o homem como a principal referência moral da família (Vieira et al., 2014). Para o pai, o cumprimento de ordens e estabelecimento de limites é um indicador de sucesso da sua parentalidade, sendo ele a autoridade responsável por impor essas regras. Como discutido anteriormente, essa postura é acompanhada por uma diferenciação de gênero em que os pais tendem a ser mais rigorosos com os filhos homens, visando promover os atributos de força e autonomia esperados no papel masculino tradicional (Endendijk et al., 2018). Assim, a expectativa de normatividade do pai tende a prevalecer no ambiente familiar, consolidando a disciplina como um pilar central da dinâmica entre pais e filhos.

O reconhecimento da obediência como meta de socialização relevante por parte dos pais, também encontra suporte nos achados de Cotrim et al. (2023) sobre a autoeficácia parental no Brasil. A pesquisa mostrou que os pais se percebem significativamente mais competentes nas dimensões de proteção, disciplina e estabelecimento de limites, do que em tarefas de cuidado prático e ensino, mais associadas à figura materna. Nesse sentido, é possível que, para o pai ribeirinho, a capacidade da criança de seguir instruções e manter a ordem seja entendida como um reflexo de sua própria eficácia como pai, validando sua maior crença de capacidade parental.

Enquanto os pais priorizam a conformidade e a obediência, a percepção das mães segue uma trajetória complementar, mas também paradoxal. Ao mesmo tempo em que valorizam a independência (Item 2), cuja promoção associou-se a uma percepção de menor labilidade emocional nos filhos, elas também enfatizam a importância de desenvolver autoconfiança (Item 3) e aprender a animar outras pessoas (Item 8). Visto que o foco nessas duas últimas metas previu maior percepção de labilidade emocional, os dados sugerem que a sensibilidade materna está atenta tanto à independência da criança quanto à sua capacidade de resposta social no contexto das interações com outras pessoas.

Nesse sentido, as evidências de Slobodin et al. (2025) contribuem para desconstruir a ideia de que a valorização de normas coletivas impediria o desenvolvimento da autonomia. Pelo contrário, em grupos marginalizados, esses valores funcionam de forma integrada para garantir a proteção da criança. Esse padrão é observado na percepção das mães desta amostra. Elas valorizam a independência como um fator que reduz a labilidade e a negatividade emocional, mas não abandonam metas de interdependência, como a capacidade de animar outras pessoas. Para essas mães, a autonomia funciona como uma ferramenta de estabilidade, pois a criança que desenvolve independência e autoconfiança, é percebida como mais regulada emocionalmente.

Essa dinâmica sugere que a percepção materna parece ser influenciada por uma busca constante pela coesão familiar, conceito associado ao familismo (De Mendonça et al., 2021). Como principal figura do cuidado diário, a mãe está mais exposta às oscilações e crises da criança, o que explica sua maior sensibilidade a comportamentos de entusiasmo excessivo e de labilidade emocional. Nesse cenário, valorizar a independência funciona como um mecanismo de estabilidade, pois uma criança que se regula sozinha demanda menos intervenções diretas, facilitando a harmonia familiar. Além disso, em contextos de

interação conjunta (tríades), as mães frequentemente adaptam seu estilo emocional para se alinhar à liderança do pai. Esse movimento intencional, conhecido como recuo (*stepping back*) visa dar mais espaço à participação paterna, sugerindo que a mãe atua como uma facilitadora do sistema familiar, submetendo-se implicitamente à autoridade moral do marido para garantir que a unidade funcione sem atritos (De Mendonça et al., 2019; Lindsey & Caldera, 2006).

Refletindo essa tendência de alinhamento ao papel paterno, os dados desta pesquisa também revelaram que a valorização paterna da obediência e do desenvolvimento de identidade da criança influencia positivamente a percepção da mãe sobre a regulação emocional e a labilidade do filho, respectivamente. Esse achado evidencia um efeito de transbordamento (*spillover*), indicando que a postura de um dos cuidadores impacta diretamente a dinâmica dos demais membros da família. De acordo com Kerr et al. (2021), isso ocorre porque o sistema familiar é triádico (pai-mãe-filho) e o desenvolvimento da criança é impactado pela interação entre esses três polos. Essa dinâmica se conecta com o conceito de Bronfenbrenner (2011) sobre os efeitos de segunda ordem (sistema $N + 2$), que postula que a interação em uma díade (mãe-filho) é profundamente influenciada pela presença e participação de uma terceira pessoa.

O estudo de Kerr et al. (2021) aponta que, ao guiar o comportamento do filho em tarefas que exigem ordem e foco, o pai ajuda a criança a regular emoções negativas intensas, como lidar com a frustração. Ao introduzir estrutura e previsibilidade, o pai reduz a instabilidade e o caos no Microsistema, facilitando a tarefa da mãe. Essa satisfação da mãe com o suporte recebido transborda para a criança, o que pode explicar a associação entre a meta de obediência do pai com a percepção materna de que o filho está mais regulado.

Essa dinâmica confirma que a regulação emocional é um processo diádico e triádico, conforme defendido por Morris et al. (2007). A presença do pai como figura de autoridade e disciplina não apenas impacta a criança diretamente, mas altera o clima emocional da família, facilitando a percepção materna de um ambiente mais organizado e previsível.

Portanto, os resultados evidenciam que a regulação emocional no contexto ribeirinho é fruto de uma relação complementar entre a valorização paterna da obediência /e da disciplina - metas de socialização típicas de culturas coletivistas - e o incentivo materno à independência e responsividade social - metas de socialização típicas de culturas autônomas - o que promove a estabilidade da criança. Esse equilíbrio é sustentado pelo efeito de transbordamento, no qual a atuação do pai como agente estabilizador beneficia a percepção da mãe sobre a Regulação Emocional de seu filho.

Limitações do estudo

Embora este estudo forneça dados inéditos sobre a dinâmica parental na Amazônia, é fundamental reconhecer as limitações enfrentadas durante sua realização. O cenário das ilhas ao redor de Belém impôs desafios significativos, que vão desde a logística de transporte fluvial até a complexidade de aplicar instrumentos de pesquisa em áreas de difícil acesso. Essas barreiras contextualizam o esforço necessário para produzir uma pesquisa científica em comunidades com características geográficas e sociais tão específicas.

As limitações iniciam-se pelos desafios práticos do contexto ribeirinho em que viviam aquelas comunidades. A coleta de dados era realizada diretamente nas residências das famílias, o que exigiu deslocamentos constantes de barco, sujeitando a equipe de

pesquisa às variações das marés e às condições climáticas típicas da região Norte do Brasil, com chuvas fortes e calor intenso. Além disso, a comunicação com as famílias foi um obstáculo persistente devido à instabilidade do sinal de telefone e internet, dificultando o recrutamento e o agendamento das visitas. Esses fatores tornaram o trabalho de campo um processo lento, muitas vezes exaustivo e dependente de condições externas que fugiam do controle dos pesquisadores.

Outro ponto importante refere-se à complexidade do protocolo da coleta de dados. Este estudo foi resultado de um projeto de pesquisa maior, que incluía a aplicação de sete instrumentos e mais 30 minutos de filmagem de situações de brincadeira para investigar a interação entre pais e filhos. Devido essa estrutura, cada coleta durava no mínimo duas horas, exigindo uma equipe grande para o revezamento e para garantir que o cansaço não interferisse na qualidade das respostas. Essas exigências explicam o tamanho da amostra de 38 famílias, embora o número possa ser considerado baixo em outros contextos, ele reflete a realidade de um estudo exaustivo em uma região de acesso restrito.

Além da amostragem, é necessário cautela ao generalizar esses achados para todo o contexto amazônico. As ilhas de Belém vivenciam um isolamento parcial e estão sob influência direta da economia urbana da capital. Portanto, os resultados aqui apresentados podem diferir de comunidades ribeirinhas situadas em áreas de maior isolamento geográfico, onde o modelo relacional (interdependente) tende a ser preservado de forma mais rígida.

Além dos desafios logísticos e da complexidade do protocolo de coleta, a pesquisa também encontrou limitações relacionadas à aplicação do instrumento ERC. Por tratar de um tema subjetivo, como a percepção das emoções, algumas afirmativas do instrumento

geraram dificuldades de compreensão para os respondentes. Embora o pesquisador tenha realizado a leitura dos itens em voz alta, fornecendo explicações e exemplos práticos, essa mediação pode ter influenciado as respostas ou não ter sido suficiente para resolver as dúvidas em pontos mais complexos do questionário.

Essas dificuldades de compreensão refletiram-se na baixa consistência interna (Alfas de Cronbach) identificada nas subescalas e no escore total do ERC nesta amostra. Contudo, essa instabilidade não necessariamente decorre de falhas na coleta de dados, mas reflete uma característica documentada na literatura internacional em diferentes faixas etárias. Conforme apontado por Chen et al. (2024) em uma revisão sistemática, a precisão do ERC é moldada pelo meio cultural e pelo estágio de desenvolvimento da criança, apresentando variações significativas em sua fidedignidade quando há variação em alguma dessas variáveis.

Nesse sentido, Silverman et al. (2022) e Perry e Dollar (2021) também reportaram índices de fidedignidade entre 0,59 e 0,62 para a subescala de Regulação Emocional, valores muito próximos aos encontrados nesta pesquisa. Além disso, o instrumento utiliza itens amplos que focam predominantemente no comportamento observável, como a labilidade de humor e a negatividade emocional, o que pode omitir processos internos de regulação e estratégias comportamentais específicas que a criança utiliza para se acalmar.

A instabilidade nos índices também dialoga com as críticas de Chen et al. (2024) sobre a validade de conteúdo e a clareza dos itens em contextos não ocidentais. Isso reforça a necessidade de interpretar os dados em caráter exploratório e sensível à realidade das famílias ribeirinhas. Por outro lado, Bølstad et al. (2021) demonstraram a sensibilidade do ERC para captar mudanças na regulação emocional associadas a práticas parentais em

crianças de faixa etária similar a desta pesquisa (3 a 5 anos). Portanto, apesar dos debates sobre a confiabilidade interna, o instrumento mostrou-se funcional para identificar tendências centrais e divergências específicas entre pais e mães, validando sua aplicação como uma importante ferramenta exploratória neste cenário.

Portanto, as limitações apresentadas, que incluem os obstáculos logísticos da região fluvial, a extensão do protocolo de coleta e os desafios técnicos de fidedignidade do ERC, evidenciam a complexidade de realizar uma pesquisa empírica em contextos não urbanos. No entanto, é fundamental destacar a importância deste estudo. Ao investigar as interações familiares em um contexto único como o dessas comunidades, esta pesquisa oferece um registro raro sobre o desenvolvimento emocional infantil na Amazônia. Assim, os achados aqui discutidos não apenas contribuem para a literatura nacional e internacional, mas também estabelecem um ponto de partida necessário para que investigações futuras possam avançar sobre esses temas.

Conclusão

Este estudo teve como objetivo comparar as percepções de pais e mães ribeirinhos sobre a regulação emocional de seus filhos, investigando de que maneira as metas de socialização influenciam essa visão. A relevância desta pesquisa justifica-se pela necessidade de expandir o conhecimento psicológico para além dos grandes centros urbanos industrializados, buscando compreender o desenvolvimento humano em contextos tradicionais da Amazônia que são frequentemente invisibilizados.

Os resultados demonstram que existe uma concordância fundamental entre pais e mães, que percebem majoritariamente seus filhos como crianças emocionalmente reguladas e compartilham metas de criação voltadas à interdependência. Embora haja um

consenso, observaram-se divergências pontuais que derivam individualidade de cada cuidador. Enquanto os pais relatam níveis superiores de alegria nos filhos, as mães manifestam uma sensibilidade maior para identificar sinais de labilidade e negatividade emocional. Essas descobertas sugerem que a percepção parental não é um fenômeno isolado, mas um reflexo do ambiente e dos papéis que cada genitor assume dentro da dinâmica familiar.

Para a mãe ribeirinha, a visão sobre a regulação emocional está relacionada ao manejo das crises cotidianas e às demandas do cuidado diário com a criança. Sua sensibilidade para notar oscilações de humor e explosões de entusiasmo reflete uma rotina pautada pela gestão de tarefas práticas, como higiene e alimentação, onde as frustrações da criança tornam-se mais evidentes. A literatura sugere que essa convivência constante com as demandas diárias torna a cuidadora uma observadora mais atenta às instabilidades, diferenciando seu olhar do pai, que muitas vezes vivencia apenas momentos de interação positiva. Portanto, a percepção materna atua como um mecanismo de vigilância necessário para a manutenção do equilíbrio emocional dentro dessas famílias.

Por outro lado, a percepção do pai ribeirinho é orientada pela valorização da obediência e pelos momentos de ativação emocional durante o lazer. Ele identifica mais alegria nos filhos por estar frequentemente envolvido em brincadeiras físicas e interações de exploração, que atuam como gatilhos para estados de euforia e prazer. No entanto, sua avaliação de uma criança bem regulada depende estritamente do respeito à hierarquia e do cumprimento de normas sociais, especialmente em relação à obediência aos mais velhos. Essa postura consolida o papel paterno como uma referência de autoridade, cuja função principal é integrar a criança às estruturas tradicionais da comunidade. Dessa forma, este trabalho preenche uma lacuna na literatura regional ao incluir a percepção do pai. Os dados

confirmam que ele atua como um agente estabilizador, cuja ênfase na disciplina e no respeito à hierarquia complementa o cuidado diário materno, fortalecendo a regulação emocional do filho.

A integração entre as metas de socialização e a percepção da regulação emocional revela como as expectativas de criação influenciam a percepção parental sobre o desenvolvimento emocional infantil. Para o pai, o filho é considerado regulado quando demonstra capacidade de seguir regras, vinculando a disciplina ao sucesso de sua parentalidade. Já para a mãe, o incentivo à independência atua como um fator que reduz a percepção de instabilidade emocional, sugerindo que a autonomia da criança facilita a gestão da rotina diária. Esse cenário é fortalecido por um efeito de transbordamento, no qual o pai impacta positivamente a visão materna sobre o equilíbrio emocional do filho, demonstrando a complementaridade entre os processos de regulação emocional, as metas de socialização e a associação entre essas dimensões.

É fundamental destacar que a autonomia incentivada nessas famílias possui um sentido fundamentalmente coletivo. Diferente do individualismo típico dos modelos autônomos, o desejo ribeirinho de que o filho desenvolva independência e sucesso acadêmico visa preparar a criança para que, no futuro, ela seja capaz de prover cuidado aos seus familiares e manter o senso de coletividade da comunidade.

Em conclusão, este estudo oferece um panorama das dinâmicas emocionais infantis e de expectativas dos pais, em famílias ribeirinhas, ressaltando a importância de considerar o contexto cultural na prática psicológica. Ao expor que a obediência e o incentivo à independência não são metas excludentes, mas ferramentas de adaptação, esta pesquisa contribui para desconstruir o viés WEIRD presente na maioria dos estudos de psicologia.

Propõe-se, assim, uma ciência mais representativa e condizente com a diversidade da experiência humana.

Para futuras investigações, recomenda-se a realização de estudos longitudinais que acompanhem o impacto das transformações ambientais e turísticas sobre as metas de socialização e a regulação emocional nessas comunidades. Finalmente, expandir essa pesquisa para regiões amazônicas mais isoladas poderá esclarecer como diferentes graus de contato urbano influenciam as crenças dos cuidadores e o desenvolvimento socioemocional das crianças, assim como ampliar as evidências científicas já existentes sobre a temática.

Referências

Arteche, A., Salvador-Silva, R., Rigoli, M. M., & Kristensen, C. H. (2018). Processamento emocional. In M. E. Yamamoto & J. V. Valentova (Eds.), *Manual de psicologia evolucionista* (pp. 193–212). EDUFRN.

Begum, I. A. (2023). *Of 0-3 Years Old Children*.

Bernstein, R. E., Timmons, A. C., & Lieberman, A. F. (2019). Interpersonal Violence, Maternal Perception of Infant Emotion, and Child-Parent Psychotherapy. *Journal of Family Violence*, 34(4), 309–320. <https://doi.org/10.1007/s10896-019-00041-7>

Bjørk, R. F., Havighurst, S. S., Pons, F., & Karevold, E. B. (2020). Pathways to behavior problems in Norwegian kindergarten children: The role of parent emotion socialization and child emotion understanding. *Scandinavian Journal of Psychology*, 61(6), 751–762. <https://doi.org/10.1111/sjop.12652>

Bølstad, E., Havighurst, S. S., Tamnes, C. K., Nygaard, E., Bjørk, R. F., Stavrinou, M., & Espeseth, T. (2021). A Pilot Study of a Parent Emotion Socialization Intervention: Impact on Parent Behavior, Child Self-Regulation, and Adjustment. *Frontiers in Psychology*, 12, 730278. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.730278>

Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados* (M. A. Veríssimo, Trad.). Artes Médicas. (Obra original publicada em 1979).

Bronfenbrenner, U., & Morris, P. A. (2006). The bioecological model of human development. In W. Damon & R. M. Lerner (Series Eds.) & R. M. Lerner (Vol. Ed.), *Handbook of child psychology: Theoretical models of human development* (6^a ed., Vol. 1, pp. 793–828). John Wiley & Sons.

Bronfenbrenner, U. (2011). *Bioecologia do desenvolvimento humano: Tornando os seres humanos mais humanos* (A. de Carvalho-Barreto, Trad.; S. H. Koller, Rev. Téc.). Artmed. (Obra original publicada em 2005).

Chaves, M. P. S. R. (2001). *Uma experiência de pesquisa-ação para gestão comunitária de tecnologias apropriadas na Amazônia: O estudo de caso do Assentamento de Reforma Agrária Iporá* [Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas]. Repositório da Produção Científica e Intelectual da Unicamp.

Chen, J., Hu, Z., Lu, A. Y., Ma, T., & Zheng, J. (2022). *How do Family Factors Impact Children's Emotional Regulation?: 2022 3rd International Conference on Mental Health, Education and Human Development (MHEHD 2022)*, Dalian, China. <https://doi.org/10.2991/assehr.k.220704.049>

Chen, Y.-W. R., Janicaud, N., Littlefair, D., Graham, P., Soler, N., Wilkes-Gillan, S., McAuliffe, T., & Cordier, R. (2024). A systematic review of self-regulation measures in children: Exploring characteristics and psychometric properties. *PLOS ONE*, 19(9), e0309895. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0309895>

Chen-Bouck, L., Patterson, M. M., & Chen, J. (2019). Relations of Collectivism Socialization Goals and Training Beliefs to Chinese Parenting. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 50(3), 396–418. <https://doi.org/10.1177/0022022118822046>

Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2^a ed.). Lawrence Erlbaum Associates.

Costa, E. D. S., De Castro, N. J. C., Silva, B. L. D. A. E., & Silva, S. S. S. D. (2015). Ilha do Combu: Realidades e desafios. *Saúde e meio ambiente: revista interdisciplinar*, 4(2), 32–48. <https://doi.org/10.24302/sma.v4i2.903>

- Cotrim, D. M. S., Pereira, E. B. F., & Da Costa Neto, S. B. (2023). Autoeficácia parental: Diferenças entre homens e mulheres na criação dos filhos. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 12, e5151. <https://doi.org/10.17267/2317-3394rpd.2023.e5151>
- Cunha, A. C. B. D., Maffazioli, A. C., & Albuquerque, K. A. (2022). Relações entre regulação emocional parental e desenvolvimento dos filhos. *Saúde e Desenvolvimento Humano*, 10(3). <https://doi.org/10.18316/sdh.v10i3.7299>
- De Mendonça, J. S., Bussab, V. S. R., & Kärtner, J. (2019). Interactional synchrony and child gender differences in dyadic and triadic family interactions. *Journal of Family Issues*, 40(8), 959–981. <https://doi.org/10.1177/0192513X19832938>
- De Mendonça, J. S., De Felipe, R. P., & David, V. F. (2021). Socialization Goals, Familism, and Interactional Synchrony in Low-Income Brazilian Mothers and Fathers. *Adversity and Resilience Science*, 2(2), 99–108. <https://doi.org/10.1007/s42844-021-00040-y>
- Denham, S. A., Blair, K. A., DeMulder, E., Levitas, J., Sawyer, K., Auerbach-Major, S., & Queenan, P. (2003). Preschool Emotional Competence: Pathway to Social Competence? *Child Development*, 74(1), 238–256.
- Dergan, J. M. B. (2006). *História, memória e natureza: as comunidades da ilha do combu-belém-pa*.
- Endendijk, J. J., Groeneveld, M. G., & Mesman, J. (2018). The gendered family process model: An integrative framework of gender in the family. *Archives of Sexual Behavior*, 47(4), 877–904. <https://doi.org/10.1007/s10508-018-1185-8>

Eisenberg, N., Spinrad, T. L., & Eggum, N. D. (2010). Emotion-Related Self-Regulation and Its Relation to Children's Maladjustment. *Annual Review of Clinical Psychology*, 6(1), 495–525. <https://doi.org/10.1146/annurev.clinpsy.121208.131208>

Field, A. (2018). *Discovering statistics using IBM SPSS statistics* (5^a ed.). SAGE Publications.

Fonseca, B. R., & Cavalcante, L. I. C., & Mendes, D. M. L. F. (2017). Metas de socialização da emoção: Um estudo de mães residentes no meio rural. *Psico*, 48(3), 174–185. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2017.3.25444>

Fonseca, B. R., Priante, P. T., Köster, M., Kärtner, J., & Cavalcante, L. I. C. (2024). Maternal socialization goals and children's requested behaviors. *Paidéia*, 34, e3434. <https://doi.org/10.1590/1982-4327e3434>

Friedlmeier, W., & Trommsdorff, G. (1999). Emotion regulation in early childhood: A cross-cultural comparison between German and Japanese toddlers. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 30(6), 684–711. <https://doi.org/10.1177/0022022199030006004>

Frijda, N. H. (1993). Moods, emotion episodes, and emotions. In M. Lewis & J. M. Haviland (Eds.), *Handbook of emotions* (pp. 381–403). Guilford Press.

Fonseca, B. R., Cavalcante, L. I. C., Kärtner, J., & Köster, M. (2018). Maternal socialization goals and the spontaneous prosocial behavior of children in rural contexts. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 31(1), 27. <https://doi.org/10.1186/s41155-018-0108-x>

Gorla, L., Rothenberg, W. A., Lansford, J. E., Yotanyamaneewong, S., Alampay, L. P., Al-Hassan, S. M., Bacchini, D., Bornstein, M. H., Breiner, K., Chang, L., Deater-Deckard, K., Di Giunta, L., Dodge, K. A., Gurdal, S., Junla, D., Oburu, P., Pastorelli, C., Santona, A.,

Skinner, A. T. Uribe Tirado, L. M. (2024). Individualism, collectivism and conformity in nine countries: Relations with parenting and child adjustment. *International Journal of Psychology*, 59(4), 598–610. <https://doi.org/10.1002/ijop.13130>

Gross, J. J. (2014). Emotion regulation: Conceptual and empirical foundations. In J. J. Gross (Ed.), *Handbook of emotion regulation* (2^a ed., pp. 3–20). The Guilford Press.

Hong, Y., McCormick, S. A., Deater-Deckard, K., Calkins, S. D., & Bell, M. A. (2021). Household chaos, parental responses to emotion, and child emotion regulation in middle childhood. *Social Development*, 30(3), 786–805. <https://doi.org/10.1111/sode.12500>

Seidl-de-Moura, M. L., & Ribas, R. C., Jr. (2009). Desenvolvimento e evolução. In E. Otta & M. E. Yamamoto (Eds.), *Psicologia evolucionista* (pp. 87–95). Guanabara Koogan.

Henrich, J., Heine, S. J., & Norenzayan, A. (2010). The weirdest people in the world? *Behavioral and Brain Sciences*, 33(2–3), 61–83. <https://doi.org/10.1017/S0140525X0999152X>

Hong, Y., McCormick, S. A., Deater-Deckard, K., Calkins, S. D., & Bell, M. A. (2021). Household chaos, parental responses to emotion, and child emotion regulation in middle childhood. *Social Development*, 30(3), 786–805. <https://doi.org/10.1111/sode.12500>

Izard, C. E. (1977). *Human emotions*. Plenum Press.

Izard, C. E. (2007). Basic Emotions, Natural Kinds, Emotion Schemas, and a New Paradigm. *Perspectives on Psychological Science*, 2(3), 260–280.

Jiménez-Balam, D., Cavalcante, Dra., L., & Castillo-León, Dra., T. (2023). Variações culturais na socialização das emoções pelos pais: Uma revisão integrativa da literatura. *Actualidades en Psicología*, 37(134), 134–150. <https://doi.org/10.15517/ap.v37i134.46507>

Keller, H., & Demuth, C. (2006). *Further Explorations of the “Western Mind.” Euro-American and German Mothers’ and Grandmothers’ Ethnotheories.*

Keller, H., Lamm, B., Abels, M., Yovsi, R., Borke, J., Jensen, H., Papaligoura, Z., Holub, C., Lo, W., Tomiyama, A. J., Su, Y., Wang, Y., & Chaudhary, N. (2006). Cultural Models, Socialization Goals, and Parenting Ethnotheories: A Multicultural Analysis. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 37(2), 155–172. <https://doi.org/10.1177/0022022105284494>

Keller, H., & Otto, H. (2009). The cultural socialization of emotion regulation during infancy. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 40(6), 996–1011. <https://doi.org/10.1177/0022022109348576>

Kerr, M. L., Rasmussen, H. F., Smiley, P. A., Buttitta, K. V., & Borelli, J. L. (2021). The development of toddlers’ emotion regulation within the family system: Associations with observed parent-child synchrony and interparental relationship satisfaction. *Early Childhood Research Quarterly*, 57, 215–227. <https://doi.org/10.1016/j.ecresq.2021.06.004>

Lewis, M. (2010). The emergence of human emotions. In M. Lewis, J. M. Haviland-Jones, & L. F. Barrett (Eds.), *Handbook of emotions* (3^a ed., pp. 304–319). Guilford Press.

Lindsey, E. W., & Caldera, Y. M. (2006). Mother-father-child triadic interaction and peer relationships. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(3), 229–237.

Lins, T. C. D. S., Anjos Filho, N. C. D., & Alvarenga, P. (2023). Effects of an Intervention Focused on Child Emotion Socialization. *Psicologia - Teoria e Prática*, 25(3). <https://doi.org/10.5935/1980-6906/ePTPHD15287.en>

- Malin, J. L., Cabrera, N. J., Karberg, E., Aldoney, D., & Rowe, M. L. (2014). Low-income, minority fathers' control strategies and their children's regulatory skills. *Infant Mental Health Journal*, 35(5), 462–472. <https://doi.org/10.1002/imhj.21467>
- McMunn, A., Martin, P., Kelly, Y., & Sacker, A. (2017). Fathers' Involvement: Correlates and Consequences for Child Socioemotional Behavior in the United Kingdom. *Journal of Family Issues*, 38(8), 1109–1131. <https://doi.org/10.1177/0192513X15622415>
- Mendes, D. M. L. F., & Ramos, D. D. O. (2020). Parental conceptions about child emotional development. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 36, e3634. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e3634>
- Morris, A. S., Criss, M. M., Silk, J. S., & Houlberg, B. J. (2017). The Impact of Parenting on Emotion Regulation During Childhood and Adolescence. *Child Development Perspectives*, 11(4), 233–238. <https://doi.org/10.1111/cdep.12238>
- Morris, A. S., Silk, J. S., Morris, M. D. S., Steinberg, L., Aucoin, K. J., & Keyes, A. W. (2011). The influence of mother–child emotion regulation strategies on children's expression of anger and sadness. *Developmental Psychology*, 47(1), 213–225. <https://doi.org/10.1037/a0021021>
- Morris, A. S., Silk, J. S., Steinberg, L., Myers, S. S., & Robinson, L. R. (2007). The Role of the Family Context in the Development of Emotion Regulation. *Social Development*, 16(2), 361–388. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.2007.00389.x>
- Papalia, D. E., & Feldman, R. D. (2013). *Desenvolvimento humano* (12^a ed.). AMGH.

- Paquette, D. (2004). Theorizing the father-child relationship: Mechanisms and developmental outcomes. *Human Development*, 47(4), 193–219. <https://doi.org/10.1159/000078723>
- Peisch, V., Dale, C., Parent, J., & Burt, K. (2020). Parent Socialization of Coping and Child Emotion Regulation Abilities: A Longitudinal Examination. *Family Process*, 59(4), 1722–1736. <https://doi.org/10.1111/famp.12516>
- Perry, N. B., & Dollar, J. M. (2021). Measurement of Behavioral Emotion Regulation Strategies in Early Childhood: The Early Emotion Regulation Behavior Questionnaire (EERBQ). *Children*, 8(9), 779. <https://doi.org/10.3390/children8090779>
- Pessôa, L. F., Ramos, D., & Vivas, L. (2019). Profiles and Developmental Goals in Different Families of Rio de Janeiro. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 29, e2906. <https://doi.org/10.1590/1982-4327e2906>
- Picanço, N. A., Reis, J. V. M. S., & Cavalcante, L. I. C. (2025). Concepções parentais sobre expressão emocional em vilas pesqueiro-extrativistas do Pará. *Revista Delos*, 18(73). <https://doi.org/10.55905/rdelosv18.n73-055>
- Portengen, C. M., van Baar, A. L., & Endendijk, J. J. (2023). A neurocognitive approach to studying processes underlying parents' gender socialization. *Frontiers in Psychology*, 13, Article 1054886. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.1054886>
- Priante, P. T. (2025). *Conhecimentos e metas de socialização emocional entre crianças e seus pais na Floresta Nacional do Tapajós-PA* [Tese de doutorado, Universidade Federal do Pará]. Repositório Institucional UFPA.

- Puglisi, N., Rattaz, V., Favez, N., & Tissot, H. (2024). Father involvement and emotion regulation during early childhood: A systematic review. *BMC Psychology*, 12(1), 675. <https://doi.org/10.1186/s40359-024-02182-x>
- Reis, A. H., Oliveira, S. E. S., Bandeira, D. R., Andrade, N. C., Abreu, N., & Sperb, T. M. (2016). Emotion Regulation Checklist (ERC): Estudos preliminares da adaptação e validação para a cultura brasileira. *Temas em Psicologia*, 24(1), 77–96. <https://doi.org/10.9788/TP2016.1-06>
- Rodrigues, Á. F. A. C. (2020). Os circuitos da economia urbana para compreender a formação de espaços turísticos na região insular de Belém (Pará). *Papers do NAEA*, 1(3), Edição 523.
- Rosa, E. M., & Tudge, J. (2013). Urie Bronfenbrenner's theory of human development: Its evolution from ecology to bioecology. *Journal of Family Theory & Review*, 5(4), 243–258. <https://doi.org/10.1111/jftr.12022>
- Scherer, K., Dan, E., & Flykt, A. (2006). What determines a feeling's position in affective space? A case for appraisal. *Cognition & Emotion*, 20(1), 92–113. <https://doi.org/10.1080/02699930500305016>
- Shields, A., & Cicchetti, D. (1995). *The Emotion Regulation Checklist*. Manuscrito não publicado, University of Rochester.
- Sieben, A. (2022). Longing for interdependence, aspiring to independence: A qualitative study on parenting in Germany. *Families, Relationships and Societies*, 11(4), 482–498. <https://doi.org/10.1332/204674321X16357654718440>

Silva, L. O. (2022). *Parentalidade em contextos distintos: crenças parentais e regulação emocional infantil* <https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.58632>

Silva, A. C. D. N. G. D., Urbinati, C. V., & Lucas, F. C. A. (2023). Ilha do combu, belém-pa: espaço em constante transformação. *Nova Revista Amazônica*, 11(1), 08. <https://doi.org/10.18542/nra.v11i1.12015>

Silverman, M. R., Bennett, R., Feuerstahler, L., Stadterman, J., Dick, A. S., Graziano, P., & Roy, A. K. (2022). Measuring Emotion Dysregulation in Children with Attention-Deficit/Hyperactivity Disorder: Revisiting the Factor Structure of the Emotion Regulation Checklist. *Behavior Therapy*, 53(2), 196–207. <https://doi.org/10.1016/j.beth.2021.07.004>

Slobodin, O., Kalet, T., Raanan, R. B., & Pinchover, S. (2025). Cultural considerations in parental socialization: Study of mothers from five Israeli minority groups. *Journal of Cross-Cultural Psychology*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1177/00220221251387727>

Super, C. M., & Harkness, S. (1986). The developmental niche: A conceptualization at the interface of child and culture. *International Journal of Behavioral Development*, 9(4), 545–569. <https://doi.org/10.1177/016502548600900409>

Tan, L., & Smith, C. L. (2019). Intergenerational transmission of maternal emotion regulation to child emotion regulation: Moderated mediation of maternal positive and negative emotions. *Emotion*, 19(7), 1284–1291. <https://doi.org/10.1037/emo0000523>

Tomkins, S. S. (1987). Script theory. In J. Aronoff, A. I. Rabin, & R. A. Zucker (Eds.), *The emergence of personality* (pp. 147–216). Springer.

Vieira, M. L., Bossardi, C. N., Gomes, L. B., Bolze, S. D. A., Crepaldi, M. A., & Piccinini, C. A. (2014). Paternidade no Brasil: Revisão sistemática de artigos empíricos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 66(2), 36–52.

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Relações familiares e regulação emocional da criança no terceiro ano de vida em população ribeirinha da Amazônia

Pesquisador: Julia Mendonça

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 74917623.2.0000.5172

Instituição Proponente: Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.546.944

Apresentação do Projeto:

O projeto “Relações familiares e regulação emocional da criança no terceiro ano de vida em população ribeirinha da Amazônia” constitui um projeto de pesquisa da Profa. Dra. Júlia Scarano de Mendonça, (coordenadora) e sua equipe, constituída Pela Profa. Dra. Simone Souza da Costa Silva e mais três graduandos, sendo as duas docentes vinculadas ao Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento do Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento (NTPC), da UFPa.

Com o foco de interesse na exploração dos processos e mecanismos que favorecem ou não o desenvolvimento da autorregulação de crianças de 2-3 anos no contexto mais amplo da família, a pesquisa se propõe a investigar a influência do funcionamento familiar para a autorregulação emocional da criança em comunidades ribeirinhas próximas de Belém (Ilha do Combu), contexto este pouco investigado e diferenciado das populações tradicionalmente mais estudadas. “As famílias serão investigadas por meio da observação e filmagem de situações cotidianas de convívio familiar (interação diádica pai-criança, interação triádica mãe-pai-criança, em duas condições: jogo livre com brinquedos levados pelo pesquisador e arrumação dos brinquedos na caixa); situações estas “normalmente usadas para avaliar a regulação emocional da criança”. As interações familiares serão posteriormente codificadas para avaliação do nível de reciprocidade de atenção, interesse e envolvimento entre os parceiros por meio da análise do comportamento não verbal e

com instrumentos desenvolvidos pela coordenadora da pesquisa”. Serão aplicados os instrumentos: a) “Inventário sociodemográfico (ISD), Cecconello & Koller (2003), com “questões relativas à identificação dos sujeitos, dados demográficos, modo de vida familiar (alimentação, formas de lazer, religião, entre outros) e caracterização do sistema familiar (tempo de convivência, laços consanguíneos, cuidado parental, entre outros)”. O instrumento caracteriza-se como um roteiro de conversa”; b) Escala de Depressão Pós-natal de Edinburgh (EDPE); c) questionário PATER (Índice global de parentalidade e conjugalidade); d) Inventário dos Comportamentos de crianças entre 1 ½ e 5 Anos (CBCL -1½ -5). O recrutamento de potenciais participantes do estudo será feito a partir de levantamento a ser realizado nas Unidades Básicas de Saúde e Postos de Saúde das comunidades ribeirinhas.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivos gerais:

- 1) Investigar a relação entre a dinâmica interacional e emocional da família ribeirinha residente na Amazônia e a competência autorregulatória emocional da criança de 30 meses. A dinâmica familiar será estudada a partir da análise da qualidade da relação inter-parental (marital, coparental e envolvimento paterno), da relação mãe-criança, pai-criança e mãe-pai-criança, incluindo medidas de sincronia interacional e afeto compartilhado nesses diversos subsistemas. Será também investigada a interrelação entre os diversos subsistemas familiares.
- 2) Compreender o impacto da depressão da mãe e do pai na autorregulação emocional da criança, separadamente e conjuntamente, e de forma integrada aos dados das relações familiares. Interessa-nos, especialmente, analisar integrações de efeitos por meio de modelos sistêmicos complexos.

Objetivos Específicos:

- Investigar as diferenças entre a interação mãe-criança e pai-criança em contexto diádico e triádico.
- Relacionar a interação mãe-criança e pai-criança e mãe-pai-criança à competência de autorregulação da criança.
- Verificar a associação entre as variáveis sociodemográficas e as outras variáveis estudadas.”

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: “A pesquisa proposta apresenta riscos mínimos de certo desconforto com perguntas mais íntimas aos participantes. Os participantes não são obrigados a responder perguntas as quais não queiram e isto é dito a eles no momento da assinatura do TCLE”. É também informando ao participante, no TCLE, que “os nomes dos participantes da pesquisa serão trocados por números garantindo o sigilo dos participantes”.

Benefícios: Para as famílias envolvidas, “a equipe de pesquisa irá propor oficinas sobre temas que beneficiarão as famílias ribeirinhas como por exemplo, desenvolvimento infantil, a importância do envolvimento paterno para o desenvolvimento da criança, entre outros”.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto atende ao critério de relevância científica e social, apresenta de maneira clara a metodologia do estudo, atende ao que é preconizado na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde que estabelece as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas com seres humanos (sigilo, autonomia e voluntariedade dos participantes, autorização de participação no estudo por parte dos participantes).

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

1. FOLHA DE ROSTO CONEP - Apresentado e adequado.
2. PROJETO DE PESQUISA ORIGINAL NA ÍNTEGRA - Apresentado e adequado.
3. TAI – Termo de Anuência Institucional – Apresentado e adequado.
4. CRONOGRAMA – Apresentado e inadequado, pois há incongruência entre os cronogramas constantes no projeto completo e no projeto resumido e inserido na Plataforma Brasil.
5. ORÇAMENTO: custeado pelo CNPq- Universal
6. TALE – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – Não se aplica.
7. TCUD – Termo de Compromisso de Utilização de Dados – Apresentado e adequado.

8. TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Apresentado e adequado.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

É de responsabilidade da pesquisadora iniciar a coleta de dados após aprovação pelo CEP. Todas as pendências indicadas na versão anterior foram atendidas
Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, este Colegiado manifesta-se pela APROVAÇÃO do protocolo de pesquisa por estar de acordo com a Resolução CNS nº510/2016, e Norma Operacional 001/2013.

Cabe ainda ao pesquisador:

- a) desenvolver o projeto conforme delineado;
- b) elaborar e apresentar os relatórios parciais e final para este CEP;
- c) apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento;
- d) manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa;
- e) encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto;
- f) justificar fundamentadamente, perante o CEP ou a CONEP, alteração ou interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.
- g) comunicar antecipadamente alterações no cronograma por meio da Plataforma Brasil via Emenda.

Esclarecemos que a responsabilidade do pesquisador é indelegável, indeclinável e

compreende os aspectos éticos e legais.

**Este parecer foi elaborado
baseado nos documentos
abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES BÁSICAS_DO_PROJETO_2142429.pdf	17/11/2023 14:20:07		Aceito
Outros	TCUD_Lorrane.pdf	17/11/2023 14:09:37	Julia Mendonça	Aceito
Outros	TCUD_Simone.pdf	17/11/2023 14:07:26	Julia Mendonça	Aceito
Outros	TCUD_Ryan.pdf	17/11/2023 14:07:12	Julia Mendonça	Aceito
Outros	TCUD_Marco.pdf	17/11/2023 14:06:53	Julia Mendonça	Aceito
Outros	TCUD_Julia.pdf	17/11/2023 14:06:33	Julia Mendonça	Aceito
Outros	TAI.pdf	17/11/2023 14:05:25	Julia Mendonça	Aceito

Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_UFPA.pdf	17/11/2023 14:05:02	Julia Mendonça	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_17_11.pdf	17/11/2023 14:04:16	Julia Mendonça	Aceito
Outros	Aprovacao_Universal.pdf	17/11/2023 14:03:23	Julia Mendonça	Aceito
Orçamento	Orcamento.pdf	17/11/2023 14:01:31	Julia Mendonça	Aceito
Outros	CBCL.pdf	23/08/2023 14:36:57	Julia Mendonça	Aceito
Outros	Triadic_Interactional_Synchrony.pdf	23/08/2023 14:36:36	Julia Mendonça	Aceito
Outros	Taxonomy_of_Interactional_Synchrony.pdf	23/08/2023 14:36:16	Julia Mendonça	Aceito
Outros	Escala_de_Depressao.pdf	23/08/2023 14:35:30	Julia Mendonça	Aceito
Outros	Indice_global_P.pdf	23/08/2023 14:34:56	Julia Mendonça	Aceito
Outros	Indice_global_M.pdf	23/08/2023 14:34:30	Julia Mendonça	Aceito
Outros	Inventario_socio_demografico.pdf	23/08/2023 14:29:53	Julia Mendonça	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao.pdf	23/08/2023 14:27:07	Julia Mendonça	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rostoassinada.pdf	22/08/2023 15:43:50	Julia Mendonça	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BELEM, 01 de Dezembro de 2023

Assinado por:

**Esther Iris Christina Freifrau von
Ledebur (Coordenador(a))**

**ANEXO B – Termo de
Consentimento Livre e
Esclarecido**

Projeto de pesquisa: “Relações familiares e regulação emocional da criança no terceiro ano de vida em população ribeirinha da Amazônia.”

Gostaríamos de convidá-lo (a) a participar do projeto de pesquisa “Relações familiares e regulação emocional da criança no terceiro ano de vida em população ribeirinha da Amazônia”, com o objetivo de entender como as relações familiares influenciam a forma como a criança lida com as suas emoções.

Sua participação ocorrerá após o seu consentimento oral de participação na pesquisa via contato telefônico. Após esse primeiro consentimento oral, a senhora () receberá uma visita de membros da equipe que irão explicar a pesquisa mais detalhadamente para a senhora () e o seu esposo () e pedir que assinem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de participação na pesquisa (TCLE), que é este documento que explica como

a pesquisa será realizada e detalha as etapas da pesquisa. Não podemos iniciar a pesquisa sem essas assinaturas documentando que conhecem as etapas da pesquisa e concordam em participar.

Após a assinatura deste documento, nós pediremos que a senhora () e o seu esposo () respondam separadamente a algumas perguntas sobre escolaridade, renda familiar, moradia, formas de lazer, entre outras coisas sobre a família e a criança. O restante da pesquisa será feito numa segunda visita domiciliar em dia e horário a ser definido pela senhora () e o seu esposo (), de forma a não prejudicar a rotina diária da família. A senhora () e o seu esposo () serão convidados a participar das atividades. Nós pediremos que a senhora (), o seu esposo () e o/a seu filho () se sentem no chão da casa no tapete que traremos e brinquem livremente com os brinquedos que iremos trazer durante 14 minutos. Os brinquedos que traremos são apropriados para a idade da criança e não apresentam risco algum à criança.

Em seguida, pediremos que o pai saia da sala para que a mãe e a criança brinquem sozinhas por mais 14 minutos. Após, pediremos que a mãe saia da sala e chamaremos o pai novamente para que ele e a criança brinquem sozinhos por mais 14 minutos. Esta atividade será inteira filmada para podermos ver e analisar posteriormente as gravações das brincadeiras. Após esta atividade, pediremos que a senhora () e o seu esposo () respondam separadamente alguns questionários sobre como se sentiram nos últimos 7 dias, sobre a relação entre vocês dois e sobre o comportamento da criança. Enquanto respondem os questionários, a criança receberá um lanche do pesquisador que ficará com ela para que fiquem tranquilos enquanto respondem os questionários para outro pesquisador. Todos os itens dos questionários serão lidos e explicados oralmente pelo pesquisador.

Os riscos que podem decorrer da sua participação na pesquisa são mínimos, mas a

senhora () pode sentir algum desconforto ao responder alguma pergunta mais íntima, ou que fale sobre algum assunto que a () incomode. Caso não queira responder alguma pergunta não há problema algum. Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisas com seres humanos, a senhora () não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo. Logo após o preenchimento dos questionários, os nomes dos participantes da pesquisa serão trocados por números garantindo o sigilo dos participantes.

Em qualquer etapa do estudo a senhora () terá acesso a pesquisadora responsável para o esclarecimento de eventuais dúvidas. A senhora () terá o direito de retirar a permissão para participar do estudo a qualquer momento, sem qualquer prejuízo para a senhora () ou para o seu/sua filho (). Caso tenha alguma consideração ou dúvida sobre os aspectos éticos da pesquisa, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Pará CEP/NMT/UFPA localizado na Av. Generalíssimo Deodoro, 92, Umarizal, CEP: 66055-240, fone 3201-0961, e-mail cepnmt@ufpa.br

Uma via deste documento (TCLE) será entregue ao responsável pela criança. Por outro lado, a pesquisa pretende trazer benefícios para a comunidade da Ilha do Combu pois trará conhecimento sobre a sua população, o qual pode subsidiar políticas públicas para a população ribeirinha de forma a beneficiar toda a comunidade. Desde já agradecemos sua colaboração.

Declaro que li e entendi os objetivos deste estudo, e que as dúvidas que tive foram esclarecidas pelos pesquisadores responsáveis pela pesquisa. Estou ciente que a minha participação é voluntária e que a qualquer momento tenho direito a obter outros esclarecimentos sobre a pesquisa e de retirar a permissão para participação na mesma, sem qualquer prejuízo.

Autorizo a participação da criança na pesquisa e as gravações das brincadeiras da criança com os seus pais.

Assinatura do responsável pela criança participante da pesquisa

Assinatura do participante adulto da pesquisa

**ANEXO C – Declaração
de Explicação da Pesquisa**
**Projeto de pesquisa: “Relações familiares e regulação emocional da criança no
terceiro ano de vida em população ribeirinha da Amazônia.”**

Declaro que eu (ou um membro da equipe autorizado por mim) expliquei ao responsável pela criança e a todos os participantes, como a pesquisa será realizada, seus eventuais riscos e desconfortos e a possibilidade de retirar-se da pesquisa sem qualquer prejuízo, assim como esclareci as dúvidas apresentadas.

Belém, 19 de fevereiro de 2024

 Documento assinado digitalmente
JULIA SCARANO DE MENDONÇA
Data: 19/02/2024 11:37:51-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª Dr^ª Julia Scarano de Mendonça

Pesquisadora Responsável

Núcleo de Teoria e Pesquisa do

Comportamento, NTPC I, sala 37.

Universidade Federal do Pará - UFPA
Rua Augusto Corrêa nº 1,

Bairro: Guamá
CEP: 66075-110

**ANEXO D – Inventário
Sociodemográfico (ISD) –
Versão Mãe**

I. Identificação:
Aplicador: _____
Data: __/__/____ Família nº: _____
Comunidade: _____

II. Dados Sociodemográficos:					
a. Composição Familiar (Pessoas que moram na mesma casa que você)					
Nome completo	Apelido	Data de nascimento	Sexo	Grau de parentesco	Nível de escolaridade

III. Moradia

a. SITUAÇÃO DA MORADIA:	
☐ Própria ☐ Alugada ☐ Cedida ☐ OUTRA	
b. TIPO DE CONSTRUÇÃO	
☐ Alvenaria ☐ Madeira ☐ Taipa/Barro ☐ Mista ☐ Material reaproveitado ☐ Outros	
c. CÔMODOS	
Nº DE CÔMODOS: _____ Quais: _____ Onde os moradores da casa dormem? _____	
d. EQUIPAMENTOS E MÓVEIS:	
☐ Geladeira ☐ Fogão ☐ Televisão ☐ Rádio ☐ Cama Se sim, quantas? ☐ Máquina de Lavar ☐ Rede	

☐ Celular Se sim, quantos? ☐ Ventilador
e. ENERGIA ELÉTRICA:
☐ Relógio de controle próprio ☐ Gerador particular ☐ Improvisado ☐ Sem energia ☐ Relógio Comunitário ☐ Lamparina
f. ABASTECIMENTO DE ÁGUA:
☐ Rede Pública (encanada) ☐ Poço ☐ Torneira Coletiva ☐ Barco de distribuição ☐ Rio ☐ Outros Recebe algum tipo de tratamento? ☐ Sim ☐ Não, Qual?
g. DESTINO DO LIXO DOMICILIAR:
☐ Coleta ☐ Via Pública/ Corrente de água Natural ☐ Queimado ☐ Enterrado ☐ Outro
h. Tratamento de Esgoto

- ☐ Rio
- ☐ Fossa Séptica
- ☐ Caixa de gordura/Fossa perdida
- ☐ Outro _____

IV. Religião:

Você segue alguma religião? ☐ Sim ☐ Não

Se sim, qual?

- ☐ Católica
- ☐ Evangélica
- ☐ Espírita
- ☐ De Matriz Africana
- ☐ Outra _____

V. Crenças e Valores:

Em sua opinião é mais fácil cuidar de meninos ou meninas? E por que?

Como você demonstra afeto para o(s) menino(s)?

Como você demonstra afeto para a(s) menina(s)?

Quais são os trabalhos da(s) menina(s)?

Quais são os trabalhos do(s) menino(s)?

Na hora de castigar quem é mais castigado, os meninos ou as meninas?

Por que?
Como são os castigos?

VI. Caracterização da Renda Familiar
a. Valor da renda mensal: ☐ Menos de um salário mínimo ☐ Entre 1 e 2 salários mínimos ☐ Entre 2 e 3 salários mínimos ☐ Entre 3 e 4 salários mínimos ☐ Entre 4 e 5 salários mínimos ☐ Mais de 5 salários mínimos_____
b. Qual é a sua principal fonte de renda? ☐ Extrativismo ☐ Artesanato ☐ Turismo ☐ Pesca ☐ Outro _____
c. Você cultiva algum tipo de plantação no seu terreno? ☐ Açaí ☐ Andiroba ☐ Cacau ☐ Outro_____
d. Quais os membros da família que contribuem com a renda familiar _____
e. Algum dos membros da família que são beneficiários de Programas de bolsas do Governo?E quais? _____

VII. Caracterização da rede de apoio

	1	2	3	4	5
a. Tenho pessoas com quem eu sinto segura (o) e compreendida (o)					
b. Caso seja necessário, eu posso pedir ajuda financeira/algo aos meus vizinhos e amigos					
c. Quando estou doente sei que posso pedir ajuda para minha família e amigos					
d. Quando eu estou mal tenho pessoas com que eu posso contar					

VIII. Caracterização do Brincar			
A criança costuma brincar?		A criança usa brinquedos?	Se sim, onde a criança consegue os brinquedos?
No espaço interno	No espaço externo	☐ Sim, quais?	☐ Comprado
			☐ Doador
Em qual turno?	Em qual turno?		☐ Fabricado, como?
		☐ Não	
		Em qual momento?	Detalhe a brincadeira
Com quem a criança costuma brincar?			
☐ Sozinha ☐ Irmãos ☐ Primos ☐ Colegas da Escola ☐ Vizinhos ☐ Avó ☐ Avô ☐ Pai ☐ Mãe ☐ Tios			

☐ Outros:

IX. Inventário de rotina da família:			
Dias da semana:			
Quais atividades são realizadas no turno da manhã?	Quais são as atividades realizadas no turno da tarde?	Quais são as atividades realizadas no turno da noite?	Quais são as atividades realizadas no turno da madrugada?
Sábado:			
Quais atividades são realizadas no turno da manhã?	Quais são as atividades realizadas no turno da tarde?	Quais são as atividades realizadas no turno da noite?	Quais são as atividades realizadas no turno da madrugada?
Domingo:			
Quais atividades são realizadas no turno da manhã?	Quais são as atividades realizadas no turno da tarde?	Quais são as atividades realizadas no turno da noite?	Quais são as atividades realizadas no turno da madrugada?
Em quais dias a família costuma estar toda reunida?			
Em quais momento a família se reúne para atividades de lazer?			
Quais atividades de lazer a família costuma praticar?			

Como essas atividades são feitas?
Qual seria o melhor dia e horário para fazer a observação da mãe, pai e criança brincando juntos?
A criança tem acesso ao celular? ☐ Sim ☐ Não
Se sim, usa Internet?
Sozinha ou com um adulto?
Qual é a média diária de acesso às telas?
A criança tem restrição de tempo na internet?

**ANEXO E – Inventário
Sociodemográfico (ISD) –
Versão Pai**

I. Identificação:
Aplicador: _____

Nome do Pai: _____ Data de Nascimento do Pai: _____

Data da aplicação do instrumento: _____

Família nº: _____

Comunidade: _____

II. Caracterização do casal:					
Tempo de união: _____					
III. Caracterização da rede de apoio					
Estado Civil Atual:	1	2	3	4	5
a. ☐ Solteira Tenho pessoas com quem eu sinto segura (o) e compreendida (o) ☐ Vive Junto					
b. ☐ Casada Caso seja necessário, eu posso pedir ajuda financeira/algo aos meus vizinhos e amigos					
c. ☐ Separada Quando estou doente sei que posso pedir ajuda para minha família e amigos					
d. ☐ Viúva Quando eu estava mal tenho pessoas com que eu posso contar					

Com que idade foi a sua primeira gravidez? _____

Possui quantos filhos? _____

Qual a idade dos filhos? _____

Usa algum método contraceptivo? ☐ Sim ☐ Não

Possui algum filho morando fora da comunidade? ☐ Sim ☐ Não

Você ou alguém da sua família migrou para esta localidade?

☐ Sim ☐ Não

Se sim, quem? _____

Qual o local de origem? _____

Por que mudou? _____

Reside há quanto tempo nesta comunidade? _____

Vocês pretendem continuar residindo na comunidade? _____

IV. Caracterização da Renda Familiar
b. Qual é a sua principal fonte de renda?
☐ Extrativismo ☐ Artesanato ☐ Turismo ☐ Pesca ☐ Outro _____

V. Crenças e Valores:
Em sua opinião é mais fácil cuidar de meninos ou meninas? E por que?

Como você demonstra afeto para o(s) menino(s)?

Como você demonstra afeto para a(s) menina(s)?

Quais são os trabalhos da(s) menina(s)?

Quais são os trabalhos do(s) menino(s)?

Na hora de castigar quem é mais castigado, os meninos ou as meninas?

Por que?

Como são os castigos?

VI. Religião:
Você segue alguma religião? ☐ Sim ☐ Não Se sim, qual? ☐ Católica ☐ Evangélica ☐ Espírita ☐ De Matriz Africana ☐ Outra _____

VII. Caracterização do Brincar			
A criança costuma brincar?		A criança usa brinquedos?	Se sim, onde a criança consegueos brinquedos?
No espaço interno	No espaço externo	☐ Sim, quais?	☐ Comprado
			☐ Doado
Em qual turno?	Em qual turno?		☐ Fabricado, como?
		☐ Não	
		Em qual momento?	Detalhe a brincadeira
Com quem a criança costuma brincar? ☐ Sozinha ☐ Irmãos ☐ Primos ☐ Colegas da Escola ☐ Vizinhos ☐ Avó ☐ Avô ☐ Pai ☐ Mãe ☐ Tios			

☐ Outros:

**ANEXO F – Emotion
Regulation Checklist
(ERC)**

Instruções:

As afirmações abaixo descrevem comportamentos de crianças da mesma idade do seu filho(a). Por favor, leia as afirmações e marque com um X ou 0 o número 1, 2, 3 ou 4 de acordo com a frequência do comportamento apresentado pelo seu filho(a). Se você acha que seu filho(a) apresenta o comportamento descrito na afirmação com muita frequência ou em algumas situações marque “4” (quase sempre) ou “3” (às vezes). Se você acha que seu filho(a) apresenta o comportamento descrito na afirmação com nenhuma ou pouca frequência, marque “1” (nunca) ou “2” (raramente). Utilize a legenda para marcar a opção mais adequada de acordo com o que acontece com seu filho(a).

Legenda:

1 Nunca	2 Raramente	3 Às vezes	4 Quase sempre
------------	----------------	---------------	-------------------

	Resposta			
	1	2	3	4
1. É uma criança alegre.				
2. Apresenta grande variação de humor (o estado emocional da criança é difícil de ser previsto, pois ela muda rapidamente de bem humorada para mal humorada).				
3. Responde de forma positiva a iniciativas de adultos de se aproximar				

d
e
fo
r
m
a
n

cutra ou amigável.	1	2	3	4
	1	2	3	4

4. Troca bem de uma atividade para outra (não fica ansiosa, irritada, angustiada ou excessivamente empolgada quando passa de uma atividade para outra).	1	2	3	4
5. Recupera-se rapidamente de episódios de aborrecimento ou angústia (por exemplo, não permanece quieta ou mal-humorada, ansiosa ou triste após eventos emocionalmente estressantes).	1	2	3	4
6. Frustra-se facilmente.	1	2	3	4
7. Responde de forma positiva a iniciativas de seus pares de se aproximar de forma neutra ou amigável (pares são crianças da mesma idade ou colegas).	1	2	3	4
8. É propensa a explosões de raiva / birra.	1	2	3	4
9. É capaz de adiar recompensa (por exemplo, suporta a espera por uma recompensa).	1	2	3	4
10. Sente prazer com o sofrimento dos outros (por exemplo, ri quando outra pessoa se machuca ou é punida; gosta de provocar os outros).	1	2	3	4
11. Consegue controlar a empolgação em situações emocionalmente estimulantes (por exemplo, não se empolga excessivamente em situações de brincadeiras de alta energia, ou não fica muito agitada em contextos inapropriados).	1	2	3	4
12. É chorona ou gosta de ficar “agarrada” com adultos.	1	2	3	4
13. É propensa a explosões inadequadas de animação e entusiasmo.	1	2	3	4
14. Responde com raiva ou de forma zangada quando os adultos lhe impõem limites.	1	2	3	4
15. A criança consegue dizer quando está se sentindo triste, com raiva ou zangada, com medo ou assustada.	1	2	3	4
16. Parece triste ou apática.	1	2	3	4
17. É excessivamente empolgada ao tentar envolver outros na brincadeira.	1	2	3	4
18. Mostra humor apático (fisionomia é vaga e inexpressiva; a criança demonstra pouca emoção).	1	2	3	4

19. Responde de forma negativa a aproximações neutras ou amigáveis feitas por pares (crianças ou colegas da mesma idade) (por exemplo, pode falar com um tom de voz com raiva ou responder com medo).	1	2	3	4
20. É impulsiva.	1	2	3	4
21. É compreensiva com os sentimentos dos outros. Mostra preocupação quando os outros estão chateados ou angustiados.	1	2	3	4
22. Demonstra entusiasmo que os outros consideram inapropriado, exagerado ou intrometido.	1	2	3	4
23. Mostra emoções negativas apropriadas (raiva, medo, frustração, angústia) em resposta a atos hostis (grosseiros), agressivos ou intrometidos dos pares (crianças ou colegas da mesma idade).	1	2	3	4
24. Demonstra emoções negativas (por exemplo, raiva, tristeza e medo) quando tenta entrar numa brincadeira ou começar a brincar com alguém.	1	2	3	4

**ANEXO G – Metas de
Socialização (MES)**

Metas de Socialização

Nome: _____ Família nº: _____

Data: _____

Entrevistadora: _____

Por favor, expresse se concorda ou não concorda espontaneamente da mesma forma que antes.

Durante os primeiros três anos de vida, as crianças deveriam:	Concordo				
	1 Nem um pouco	2	3	4	5 Completamente
1. aprender a controlar emoções.					
2. desenvolver independência.					
3. desenvolver autoconfiança.					
4. aprender a obedecer a seus pais.					
5. aprender a obedecer a pessoas mais velhas.					
6. aprender a cuidar do bem-estar dos outros.					
7. desenvolver um senso de autoestima.					
8. aprender a animar os outros.					
9. desenvolver competitividade.					

10.desenvolver um senso de identidade.					
--	--	--	--	--	--